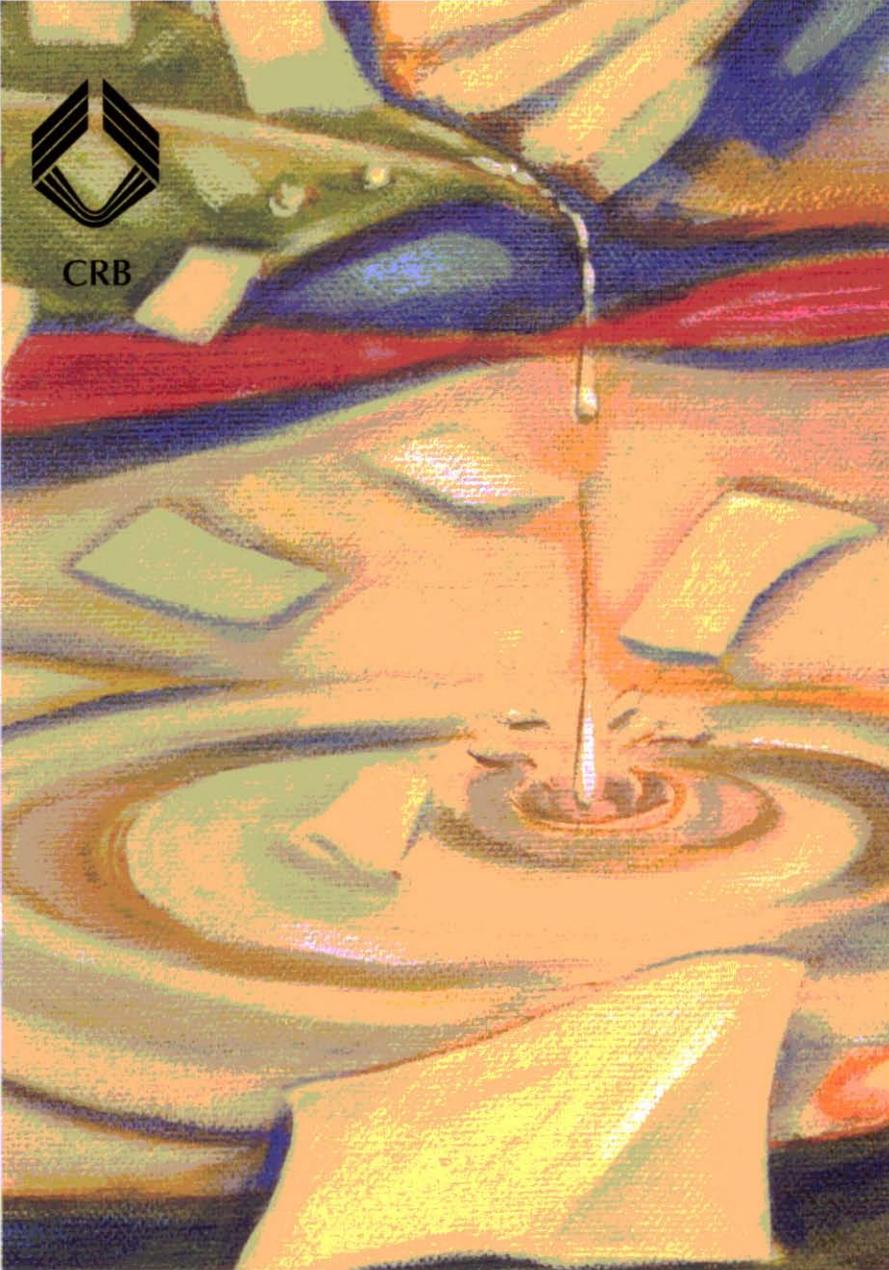




CRB



MAIO 2009 • XLIV • n.º 4

CONVERGÊNCIA

- A dimensão litúrgico-pascal da Vida Religiosa Consagrada
- Fórum Social Mundial: outro mundo é possível?
- *Re-encantar-se no princípio...* (2ª parte)
- Evangelho da não violência

Sumário

Editorial

Vida nova: consequência da Ressurreição de Jesus 265

Palavra do Papa

A confiança na iniciativa de Deus e a resposta humana 269

Informes

Seminário da CLAR 274

Artigos

A dimensão litúrgico-pascal da Vida Religiosa Consagrada –
MOACIR CASAGRANDE, OFMCAP 278

Fórum Social Mundial: outro mundo é possível? – INÊS PRETTO, DP 302

Re-encantar-se no princípio... (2ª parte) – TEA FRIGERIO, MMX 308

Evangelho da não violência – LUCIA WEILER, IDP 328

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, msc, mostra um pingo d'água que brota da folha da esperança, como orvalho sobre o deserto, e gera ondas. Uma faixa vermelha atravessa o desenho, simbolizando o projeto do Reino que, como sangue, sustenta a vida, e é presença do Espírito Criador e Salvador que impulsiona e sustenta a caminhada da vida religiosa.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos

MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitória, sj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Jaci Dantas

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2009: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Vida nova: consequência da Ressurreição de Jesus

265

EDITORIAL

A Ressurreição de Jesus continua sendo o ponto alto de nossas reflexões neste Tempo Pascal que se prolongará até Pentecostes. Ele vive! Este é o brado que devemos repetir e fazer ecoar em todos os cantos do mundo, manifestando a alegria e a esperança próprias de quem crê que a vida assumiu um sentido novo com a Ressurreição de Jesus. Ainda nos limitamos muito a dar ênfase à Páscoa de Jesus apenas no período acentuado no calendário litúrgico. Fato é que desde aquela manhã luminosa em que o Filho de Deus venceu a morte sua presença em nossa história tem marcas e traços que só o Cristo vivo pode imprimir.

O Mestre Jesus de Nazaré, em sua trajetória na Palestina, por aquilo que nos é dado conhecer pelos Evangelhos, não pregou nem defendeu a morte e o sofrimento; ao contrário, combateu todas as situações que diminuem as chances de vida digna para as pessoas. Essa sua paixão pela vida é que desencadeou o processo de perseguição por parte dos que se sentiam lesados no seu direito de oprimir e explorar com o respaldo de uma lei ultrapassada. Em seu estilo de cumprir a missão recebida do Pai, Jesus restaura a lei.

O Papa Bento XVI, em sua mensagem para o 46º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, traz para nossa reflexão a realidade da grande falta de pastores aptos a guiar o povo como desejou Jesus, tocado pela realidade de uma multidão desnorteada, cansada e abatida como um rebanho que não tem pastor (cf. Mt 9,35-38). E Jesus fala do que significa ser Bom Pastor para a humanidade necessitada. Ele é o Bom Pastor. Toda pessoa que se dispõe a segui-lo nessa missão

precisa estar atenta ao exemplo que ele deixou. É uma tarefa que vai além da condição humana, e só terá êxito se pautada pela graça divina que leva ao humilde reconhecimento:

Vida nova: consequência da Ressurreição de Jesus

gre protesto contra a morte violenta.”

Trazendo tudo isso para mais perto de nós, acompanhemos Frei Moacir Casagrande no itinerário que traça ao nos apresentar “A dimensão litúrgico-pascal da Vida Religiosa Consagrada”. Deus, ao se fazer gente, comunga sua divindade com a humanidade. Partindo da evolução etimológica da palavra “liturgia”, passando pela compreensão da Páscoa celebrada ao longo dos séculos desde as origens até as primeiras comunidades cristãs, alguns aspectos nos interpelam e nos questionam sobre como realizamos nossas liturgias. Jesus, ao celebrar com os discípulos, não valoriza a ostentação, mas o serviço. Para que esse desejo de Jesus se concretize hoje, a Vida Religiosa Consagrada, por sua natureza, é convocada a fazer a diferença deixando sobressair o protagonismo do Espírito para garantir a continuidade da encarnação de Deus na pessoa de Jesus, em favor de toda a humanidade. “Sei em quem depusitei a minha fé”. É esta fé que dá suporte a quem assume a luta pela vida como prioridade para si e para os demais.

Embora tenha sofrido a pior das violências praticadas em sua época, “Jesus rompe com a lógica da violência e anuncia o Evangelho da não violência”. Esta afirmação feita por Irmã Lucia Weiler em seu artigo “Evangelho da não violência” pode ser confirmada na leitura atenta dos Evangelhos. A cultura da paz só será instalada e se tornará realidade no mundo se nos comprometermos a viver a experiência do Deus Amor revelado em Jesus Cristo. Os meios de comunicação dão muito maior destaque às notícias sobre tragédias e barbáries do que sobre organizações e eventos que priorizam o bem, a paz, a preservação da vida. “O Evangelho da não violência não está escrito, mas nossas atitudes podem revelá-lo.” “O anúncio da Ressurreição é um grito de aleluia.” É nessa perspectiva que a Vida Religiosa Consagrada não pode ter a pretensão de se isolar, caminhar em bloco, separação de Deus na pessoa de Jesus, em favor de toda a humanidade.

rada da grande multidão. Uma significativa parcela de religiosas e religiosos vem aderindo, no transcorrer dos anos, a movimentos que se posicionam para defender os direitos de um mundo melhor para toda a humanidade. Exemplo claro é o Fórum Social Mundial, neste ano de 2009 celebrando sua nona edição. Irmã Inês Pretto, ao comentar esta mais recente experiência, faz uma memória histórica dos fóruns, acentuando a importância da diversidade dos participantes, dos enfoques temáticos, das estratégias de ação e da atual realidade social, política e econômica que ditou o ritmo dos debates. Este é um dos espaços onde se faz sentir o protagonismo do Espírito que a Vida Religiosa Consagrada é convocada a visibilizar. A autora conclui afirmando:

É hora de buscar a radicalidade do seguimento de Jesus na defesa, na organização e no engajamento nas lutas pelo direito dos oprimidos, na denúncia de todas as formas de opressão, de discriminação, de dominação e desrespeito da pessoa humana e da natureza. Não bastam reformas. Precisamos assumir uma maneira de ser e realizar serviços que criem uma nova cultura, uma nova civilização.

A Vida Religiosa Consagrada no Brasil tem-se esforçado por assumir seu protagonismo profético no seguimento de Jesus. Desde o início de 2006 a Conferência dos Religiosos do Brasil vem construindo o programa “VR – Inserção em Meios Populares e Novos Espaços de Presença Solidária”. Com o tema “Respirar a memória, celebrar o presente, sonhar profecia”, inspirado no Livro de Rute, a CRB-Nacional “quer ajudar institutos e comunidades a reencontrar o caminho dos pobres como caminho de seguimento de Jesus de Nazaré”.¹ Motivada por essa proposta, Irmã Tea Frigerio desenvolveu o texto “Re-encantar-se no princípio...”, propondo uma reflexão sobre a urgência de reaprender a ler os sinais dos tempos para poder dar respostas mais concretas às numerosas interpelações que surgem todos os dias. Neste número de *Convergência* temos a continuidade do texto iniciado na edição de abril. Nesta segunda parte, Irmã Tea nos

1. BOLZAN, Irmã Maris. VR – Inserção em Meios Populares e Novos Espaços de Presença Solidária – Apresentação.

convida a analisar a compreensão que temos dos votos de castidade, pobreza e obediência, e como os vivemos na prática de nossa dinâmica comunitária e de comprometimento com o seguimento de Jesus de Nazaré.

Jesus Ressuscitado, comprometido com a vida, nos convoca a abrir mão das superficialidades que seduzem e amaram para que nos lancemos com ousadia no encaço de suas pegadas. Os textos publicados nesta edição de *Convergência* querem ser instrumentos aptos a nos ajudar nesse itinerário de esperança em que acredita e que quer implantar vida nova nos campos do mundo.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

A confiança na iniciativa de Deus e a resposta humana

269

PALAVRA DO PAPA

Venerados irmãos no episcopado e no sacerdócio, queridos irmãos e irmãs!

Por ocasião do próximo Dia Mundial de Oração pelas Vocações ao Sacerdócio e à Vida Consagrada, que será celebrado no IV domingo de Páscoa, dia 3 de maio de 2009, desejo convidar todo o Povo de Deus a refletir sobre o tema: “A confiança na iniciativa de Deus e a resposta humana”. Não cessa de ressoar na Igreja esta exortação de Jesus aos seus discípulos: “Rogai ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe” (Mt 9,38). Pedi! O premente apelo do Senhor põe em evidência que a oração pelas vocações deve ser contínua e confiante. De fato, só animada pela oração é que a comunidade cristã pode realmente “ter maior fé e esperança na iniciativa divina” (exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 26).

A vocação ao sacerdócio e à Vida Consagrada constitui um dom divino especial, que se insere no vasto projeto de amor e salvação que Deus tem para cada pessoa e para a humanidade inteira. O Apóstolo Paulo – que recordamos de modo particular durante este Ano Paulino comemorativo dos dois mil anos do seu nascimento –, ao escrever aos Efésios, afirma: “Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais, em Cristo. Foi assim que, nele, Deus nos escolheu, antes da constituição do mundo, para sermos santos e imaculados diante dos seus olhos” (Ef 1,3-4). Dentro da vocação universal à santidade sobressai a peculiar iniciativa de Deus ter escolhido alguns para seguirem mais

de perto o seu Filho Jesus Cristo, tornando-se seus ministros e testemunhas privilegiadas. O divino Mestre chamou pessoalmente os apóstolos “para andarem com ele e para os enviar a pregar, com o poder de expulsar demônios” (Mc 3,14-15); eles, por sua vez, agregaram a si mesmos outros discípulos, fiéis colaboradores no ministério missionário. E assim, no decorrer dos séculos, respondendo à vocação do Senhor e dóceis à ação do Espírito Santo, fileiras inumeráveis de presbíteros e pessoas consagradas puseram-se a total serviço do Evangelho na Igreja. Demos graças ao Senhor, que continua hoje também a convocar trabalhadores para a sua vinha. Se é verdade que em algumas regiões se registra uma preocupante carência de presbíteros e que não faltam dificuldades e obstáculos no caminho da Igreja, sustentamos a certeza inabalável de que esta é guiada firmemente nas sendas do tempo rumo à realização definitiva do Reino por ele, o Senhor, que livremente escolhe e convida a segui-lo pessoas de qualquer cultura e idade, segundo os insondáveis desígnios do seu amor misericordioso.

Por conseguinte, o nosso primeiro dever é manter viva, através de uma oração incessante, esta invocação da iniciativa divina nas famílias e nas paróquias, nos movimentos e nas associações empenhados no apostolado, nas comunidades religiosas e em todas as articulações da vida diocesana. Devemos rezar para que todo o povo cristão cresça na confiança em Deus, sabendo que o “Senhor da messe” não cessa de pedir a alguns que livremente disponibilizem a sua existência para colaborar mais intimamente com ele na obra da salvação. Entretanto, por parte daqueles que são chamados, exige-se-lhes escuta atenta e prudente discernimento, generosa e pronta adesão ao projeto divino, sério aprofundamento do que é próprio da vocação sacerdotal e religiosa, para lhe cõrresponder de modo responsável e convicto. A propósito, o *Catecismo da Igreja Católica* recorda que a livre iniciativa de Deus requer a resposta livre do ser humano. Uma resposta positiva que sempre pressupõe a aceitação e partilha do projeto que Deus tem para cada um; uma resposta que acolhe a iniciativa amorosa do Senhor e se torna, para quem é chamado, exigência moral vinculativa, home-

nagem de gratidão a Deus e cooperação total no plano que ele prossegue na história (cf. n. 2062).

Ao contemplar o mistério eucarístico – no qual se exprime sumamente o dom concedido livremente pelo Pai na pessoa do Filho Unigênito pela salvação dos homens e a disponibilidade plena e dócil de Cristo para beber completamente o “cálice” da vontade de Deus (cf. Mt 26,39) –, compreendemos melhor como “a confiança na iniciativa de Deus” molda e dá valor à “resposta humana”. Na Eucaristia, dom perfeito que realiza o amoroso projeto da redenção do mundo, Jesus imola-se livremente pela salvação da humanidade. “A Igreja – escreveu o meu amado predecessor João Paulo II – “recebeu a Eucaristia de Cristo, seu Senhor, não como um dom, embora precioso entre muitos outros, mas como *o dom por excelência*, porque dom dele mesmo, da sua pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação” (carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n. 11).

Quem está destinado a perpetuar este mistério salvífico ao longo dos séculos, até ao regresso glorioso do Senhor, são os presbíteros, que podem precisamente contemplar em Cristo eucarístico o modelo exímio de um “diálogo vocacional” entre a livre-iniciativa do Pai e a resposta confiante de Cristo. Na celebração eucarística, é o próprio Cristo que age naqueles que ele escolhe como seus ministros; sustenta-os para que a sua resposta cresça numa dimensão de confiança e de gratidão que dissipe todo medo, mesmo quando se faz mais intensa a experiência da própria fraqueza (cf. Rm 8,26-30), ou o ambiente se torna mais hirto de incompreensão ou até de perseguição (cf. Rm 8,35-39).

A consciência de sermos salvos pelo amor de Cristo, que cada Eucaristia alimenta nos crentes e de modo especial nos sacerdotes, não pode deixar de suscitar neles um confiante abandono a Cristo, que deu a vida por nós. Deste modo, acreditar no Senhor e aceitar o seu dom leva a entregar-se a ele com ânimo agradecido, aderindo ao seu projeto salvífico. Se tal acontecer, o “vacionado” de bom grado abandona tudo e entra na escola do divino Mestre; inicia-se, então, um fecundo diálogo entre Deus e a pessoa, um misterioso

encontro entre o amor do Senhor que chama e a liberdade do ser humano que lhe responde no amor, sentindo ressoar no seu espírito as palavras de Jesus: “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto, e o vosso fruto permanecer” (Jo 15,16).

Este amoroso enlace entre a iniciativa divina e a resposta humana está presente também, de forma admirável, na vocação à Vida Consagrada. Recorda o Concílio Vaticano II:

Os conselhos evangélicos de castidade consagrada a Deus, de pobreza e de obediência, visto que fundados sobre a palavra e o exemplo de Cristo e recomendados pelos Apóstolos, pelos Padres, Doutores e Pastores da Igreja, são um dom divino, que a mesma Igreja recebeu do seu Senhor e com a sua graça sempre conserva (constituição dogmática *Lumen Gentium*, n. 43).

Temos de novo aqui Jesus como o modelo exemplar de total e confiante adesão à vontade do Pai, para onde deve olhar a pessoa consagrada. Atraídos por ele, muitos homens e mulheres, desde os primeiros séculos do Cristianismo, abandonaram a família, os haveres, as riquezas materiais e tudo aquilo que humanamente é desejável, para seguir generosamente a Cristo e viver sem reservas o seu Evangelho, que se tornou para eles escola de radical santidade. Ainda hoje são muitos os que percorrem este itinerário exigente de perfeição evangélica e realizam a sua vocação na profissão dos conselhos evangélicos. O testemunho destes nossos irmãos e irmãs, tanto nos mosteiros de vida contemplativa como nos institutos e nas congregações de vida apostólica, recorda ao Povo de Deus “aquele mistério do Reino de Deus que já atua na história, mas aguarda a sua plena realização nos céus” (exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, n. 1).

Quem pode considerar-se digno de ingressar no ministério sacerdotal? Quem pode abraçar a Vida Consagrada contando apenas com os seus recursos humanos? Mais uma vez convém reafirmar que a resposta da pessoa à vocação divina – sempre que se esteja consciente de que é Deus quem toma a iniciativa, e é ele também a levar a bom termo o seu projeto salvífico – não se reveste jamais do cálculo medroso do

servo preguiçoso, que por medo escondeu na terra o talento que lhe fora confiado (cf. Mt 25,14-30), mas exprime-se numa pronta adesão ao convite do Senhor, como fez Pedro quando, apesar de ter trabalhado toda a noite sem nada apañhar, não hesitou em lançar novamente as redes confiando na palavra dele (cf. Lc 5,5). Sem abdicar de forma alguma da responsabilidade pessoal, a resposta livre do homem a Deus torna-se assim “corresponsabilidade”, responsabilidade *em* e *com* Cristo, em virtude da ação do seu Santo Espírito; faz-se comunhão com aquele que nos torna capazes de dar muito fruto (cf. Jo 15,5).

Emblemática resposta humana, repleta de confiança na iniciativa de Deus, é o “Amém” generoso e total da Virgem de Nazaré, pronunciado com humilde e decidida adesão aos desígnios do Altíssimo, os quais lhe foram comunicados pelo mensageiro celeste (cf. Lc 1,38). O seu “sim” pronto permitiu-lhe tornar-se a Mãe de Deus, a Mãe do nosso Salvador. Maria, depois deste primeiro *fiat*, teve de o repetir muitas outras vezes até o momento culminante da crucificação de Jesus, quando “estava junto à cruz”, como refere o evangelista João, compartilhando o sofrimento atroz do seu Filho inocente. E foi precisamente da cruz que Jesus agonizante no-la deu como Mãe e a ela nos entregou como filhos (cf. Jo 19,26-27) – Mãe especialmente dos sacerdotes e das pessoas consagradas. A ela quero confiar todos quantos sentem o chamamento de Deus para caminhar pela senda do sacerdócio ministerial ou da Vida Consagrada.

Queridos amigos, não desanimeis perante as dificuldades e as dúvidas; confiai em Deus e segui fielmente Jesus e sereis as testemunhas da alegria que brota da união íntima com ele. À imitação da Virgem Maria, que as gerações proclamam Bem-Aventurada porque acreditou (cf. Lc 1,48), empenhai-vos com toda a energia espiritual na realização do projeto salvífico do Pai celeste, cultivando no vosso coração, como ela, a capacidade de maravilhar-se e adorar aquele que tem o poder de fazer “grandes coisas”, porque Santo é o seu nome (cf. Lc 1,49).

Aconteceu, de 27 a 29 de novembro de 2008, em Bogotá, Colômbia, o seminário promovido pela Conferência Latino-Americana dos Religiosos (CLAR) dando sequência à programação celebrativa dos cinquenta anos — jubileu — da CLAR. Fizeram-se presentes no seminário dez países latino-americanos, num total de 45 participantes. A CRB-Nacional foi representada por Irmão Arno Francisco Lunkes, fsc, e Irmã Célia Aparecida Bahú, cp, rerepresentando a Diretoria Nacional.

O tema refletido no evento foi “Educação e novos modelos de sociedade”. O objetivo foi gerar um sério e sereno processo de reflexão que interpele as instituições de educação no ensino médio e superior, animadas por religiosos e religiosas, para estabelecer o papel que lhes compete na formação de novas gerações e novos modelos de sociedade.

1ª Conferência: Padre Ignacio Madera Vargas, sds, presidente da CLAR, acolhendo os participantes, recordou que o seminário expressa o desejo da CLAR, que consiste em semear. Provocar a reflexão e a análise crítica, assumir posturas articuladoras e inquietações que ajudem a consolidar o sonho de outro mundo possível pela atuação da Vida Religiosa, comprometida com os processos educativos de nossos povos latino-americanos e caribenhos.

Em sua exposição de abertura, Padre Ignacio afirmou que a CLAR, fiel igualmente aos apelos da Conferência de Aparecida em relação à educação, quis compartilhar suas preocupações com a Vida Religiosa que se lança nas universidades e colégios, chamada hoje a impregnar com seus carismas originais a missão compartilhada com leigos e leigas.

Os novos modelos de sociedade que a crise do capitalismo neoliberal está desencadeando devem se consolidar, devem nos encontrar inteirados(as) e dispostos(as) a assumir com seriedade e mística profética o sentido maior do seguimento de Jesus Cristo, Salvador do mundo e da humanidade.

A programação foi desenvolvida com dinâmicas que favoreceram a partilha de experiências diversas na missão educativa. Foram seis exposições aprofundando a temática proposta. Após as conferências, os participantes trabalharam em grupos diversificados, complementando a iluminação com as experiências de vida.

2ª Conferência: Padre Ramón E. Rivas T., cjm., apresentou uma visão global da educação católica na América e a nossa missão como Vida Religiosa. Enfatizou que a mais original e decisiva contribuição oferecida pelo Cristianismo ao mundo da cultura e da educação consiste em ter conseguido incorporar-lhes a opção pelos últimos e o potencial libertador da história. A presença cristã na educação continua sendo hoje, mais do que nunca, necessária, pois continuam existindo homens e mulheres de toda idade e condição que merecem sair de sua pobreza, vencer sua precariedade e tornar-se menos vulneráveis.

O campo educativo, hoje mais do que nunca, necessita não só de motivações entusiasmantes e finalidades claras, senão também de estímulos permanentes. Afirmar que a Vida Religiosa deve manter-se à margem do campo educativo porque ali já não há ambientes para novas propostas, nem espaços para novas finalidades evangelizadoras, equivaleria a uma atroz cegueira. Não acolher as motivações que nos impulsionam a incidir eficazmente no campo educativo seria impotência missionária em grau máximo.

3ª Conferência: José Manuel Velasco Arzac, fsc, mostrou o rosto da presença e da missão educativa da Vida Religiosa na América Latina e no Caribe. Mais de oitocentos institutos religiosos oferecem educação nos países da América Latina. As escolas católicas oscilam em torno de quarenta por cento em quase todos os países, exceto Cuba (zero por cento) e México (três por cento).

Muito(as) religiosos(as) animam, junto a mestres e mestras leigas, uma grande quantidade de centros educativos, como diretores ou mestres de uma escola católica; outros, como docentes, atuando em escolas mantidas pelo governo.

Por outro lado, existem sérios problemas na realidade educativa nas escolas da América Latina: perde-se a compreensão do sentido da educação; dificuldades inerentes ao processo educativo em nosso tempo; metodologias pouco compreendidas, porém que estão na moda; envelhecimento do pessoal religioso e carência de vocações; problemas financeiros e de gestão educativa das escolas; pouco interesse dos institutos na missão educativa.

4ª Conferência: Mario Leonardo Peresson Tonelli, sdb, refletiu sobre a missão educativa da Vida Religiosa na América Latina e no Caribe à luz da pedagogia de Jesus.

O elemento central da originalidade de Jesus como Mestre reside na intencionalidade e no conteúdo de seu ensinamento e práticas educativas. Jesus proclama o Evangelho de Deus, a Boa e esperançosa Notícia de que o Reino de Deus e sua ação salvadora chegaram até nós.

Jesus educa em função da realização da utopia de Deus, da qual é portador: a irrupção de um mundo novo, de uma humanidade renovada segundo o projeto original nascido do coração de Deus. Não podemos compreender a pedagogia de Jesus fora desse projeto evangelizador, que constitui o horizonte e sentido último de sua prática educativa.

5ª Conferência: Gerardo Remolina Vargas, sj, trabalhou o sentido de nossa presença como Vida Religiosa nos centros de educação formal, colégios e universidades.

O expositor considerou que a presença em massa da Vida Religiosa em instituições educativas, tanto em colégios como nas universidades, nos obriga a ponderar e avaliar seriamente nossa responsabilidade de conjunto neste campo questionando-nos: que tipo de educação estamos oferecendo? A quem estamos chegando? Como estamos formando? Que tipo de pessoa e sociedade estamos ajudando a formar?

6ª Conferência: Irmã Esperanza Calbuig, rscj discorreu sobre a temática educação e novos modelos de sociedade.

A exposição teve como objetivo resgatar a utopia na educação acreditando que a mesma pode ser um instrumento de transformação da sociedade. Se não apostarmos para que o modelo de sociedade que sonhamos seja melhor do que a que temos, perdemos tempo em educar. As sementes do Reino estão presentes em todas as partes, cabe ao educador colocar as condições para que germinem.

Além das exposições, realizou-se também um painel com os temas:

- 1) Educação e meios de comunicação social. Expositora: Irmã Beatriz Jauregui Olazabal, odn.
- 2) Ser educadores hoje na escola católica: algumas considerações sociais e políticas. Expositor: Irmão Carlos G. Gomes Restrepo, fsc.
- 3) A instituição educativa católica diante da emergência educativa: desafio ou crise de identidade? Expositora: Irmã Sara Cecília Sierra Jaramillo, fma.

Algumas inquietações e certezas deixadas como mensagem às comunidades da América Latina:

- a) A fidelidade aos nossos carismas como dom de Jesus nos impulsiona a seguir acreditando na missão educativa que nos é confiada neste momento histórico tão complexo e desafiante.
- b) Nós nos sentimos parte desta nossa sociedade, e em parceria com muitas pessoas, grupos e organizações queremos colaborar na construção de outro mundo possível.
- c) Nossos projetos vivos e atuantes nos permitem exercer uma ação pastoral em que a centralidade da pessoa e a defesa da dignidade e de seus direitos são primordiais.
- d) Em missão compartilhada com leigos e leigas, queremos nos empenhar em atualizar nossos modelos educativos a partir dos diversos contextos e da pedagogia de Jesus, de modo que seja realmente possível seguir construindo novos modelos de sociedade.

IRMÃ CÉLIA APARECIDA BAHÚ, CP.

A dimensão litúrgico-pascal da Vida Religiosa Consagrada

MOACIR CASAGRANDE, OFMCAP*

Introdução

Estamos celebrando mais uma Páscoa do Senhor no chamado ano 2009 desde o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Possivelmente, a Páscoa de número 1976 desde aquela em que Jesus se entregou em Jerusalém. Sentimos necessidade de aprofundar, na Vida Religiosa Consagrada, essa dimensão. Para isso, explicitamos algumas provocações feitas pela realidade presente, pontuamos alguns desafios que nos parecem mais inquietantes e buscamos retomar o sentido da liturgia e da Páscoa, rumando para a meta que é a prática de Jesus Cristo revelada, especialmente no Evangelho.

Provocações

Buscamos em primeiro lugar mergulhar mais profundamente na celebração do mistério do Deus feito gente, comungando humanidade e divindade, na história. Sentimos que podemos beber mais e melhor dessa fonte cristalina e inesgotável. Há sempre uma água fresca disponível para saciar uma sede teimosa. A profundidade, atualidade, vigor e poder de transformação não combinam com rotina, repetição, apego ao já conhecido. Queremos aprofundar, em nossas práticas, a convergência para a centralidade da pessoa de Jesus Cristo, no mistério que celebramos.

Em segundo lugar sentimos que a profissionalização, o investimento técnico e a comercialização das festas e ce-

* **Frei Moacir Casagrande**, OFMcap, é membro da Equipe de Reflexão Bíblica da CRB-Nacional e membro do Conselho Superior da CRB-Nacional. É Ministro Provincial dos Franciscanos Capuchinhos do Brasil Central.
Endereço do autor: frmoaca-sa@gmail.com.

lebrações estão descartando o poder gerador de sentido de vida, a dimensão espiritual das mesmas. A terceirização das cerimônias prega a comodidade dos convidados, o sossego dos anfitriões e o profissionalismo do serviço, tirando o protagonismo artesanal de construção da celebração. Uma parcela da Igreja e da Vida Religiosa reagiu a isso investindo mais nos ritos, tentando, com isso, dar maior visibilidade ao espírito. Outra parcela investiu na oração-show, privilegiando o encantamento visual e emocional. Uma terceira parcela, tomada por certo saudosismo misturado com busca de segurança, voltou ao passado, retomando práticas de então como garantia para a renovação. Outros ainda partiram para novas experiências, em busca de alternativas, misturando práticas de diferentes confissões religiosas e culturas.

Desafios

A celebração precisa contemplar as dimensões do mistério, do rito e da existência.¹ Pelo mistério contempla a presença salvadora de Deus em nosso meio. Pelo rito são contemplados os elementos simbólicos que expressam a atualidade de um fato dado em um determinado momento da história. A dimensão da existência evidencia o compromisso que nasce da celebração a partir do hoje, em vista do futuro.

A celebração enquanto ação concreta de uma assembleia compreende:² um acontecimento que a motiva; uma comunidade que a faz acontecer; uma situação ou clima de festa; um perfume, gosto e sensação de uma presença maior, mais profunda e íntima, que envolve a todos; o ritual executado; um compromisso que é levado para a vida de agora em diante.

A festa e a celebração religiosa na perspectiva cristã também têm seu objetivo, sua meta atual, com um pé no passado, uma necessidade presente e um lance de eternidade, da qual não pode abrir mão. Construir relações solidárias, abrir para a inclusão das realidades circunstantes e também de realidades transcendentais são elementos constitutivos dessa meta.

1. Cf. MARTÍN, Julián López. *No Espírito e na verdade*. Petrópolis: Vozes, 1996. v. I, pp. 189-191.

2. Ver: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. *O mistério celebrado. Memória e compromisso I*. Valencia/São Paulo: Siquem/ Paulinas, 2002.

A liturgia e a evolução do entendimento, na prática, através do tempo

a) *No grego clássico.* A palavra liturgia vem do grego clássico “leitourghía”, significa literalmente “serviço prestado ao povo” ou “serviço diretamente prestado ao bem comum”.³

b) *No Primeiro Testamento.* O termo aparece aí mais de cento e cinquenta vezes. É aplicado ao culto público e oficial, realizado por determinada categoria de pessoas (sacerdotes e levitas), diferente do culto privado, realizado pelo povo.⁴ Trata-se de uma função pública de certa solenidade, um serviço de utilidade geral com atribuição reservada a quem é, formalmente, para isso investido.

c) *No Segundo Testamento.* O termo aparece apenas quinze vezes e com uma significativa variedade de sentidos, tais como: serviço público oneroso; ritual sacerdotal relativo ao Primeiro Testamento; culto espiritual; culto ritual cristão. Este último sentido aparece uma única vez em At 13,2. Por que isso acontece? Parece que é proposital, pois o termo liturgia, no Segundo Testamento, está intencionalmente reservado para falar do culto judaico oficial.⁵ Quando o termo é aplicado à experiência cristã, designa culto espiritual.⁶

No Oriente grego, o termo liturgia passou, já no segundo século, a indicar o culto cristão em geral e a celebração eucarística em particular, mas no Ocidente o termo foi completamente ignorado,⁷ aparecendo somente no século XVI.

d) *Na tradição bíblica.* No mundo extrabíblico, a pessoa religiosa, em geral, para entrar em contato com a divindade, tira da vida, isto é, do mundo dito “profano”, pessoas, gestos, espaços e tempos, carregando-os de valor simbólico e considerando-os lugar privilegiado de encontro com a divindade. Já a tradição bíblica faz um esforço constante para superar a tentação de concebê-lo como uma realidade separada do “profano”.⁸ Israel, de fato, fundamenta sua identidade sobre a relação com um Deus que entra na história, por isso o seu culto⁹ é histórico e profético.

3. AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade.* São Paulo: Ave Maria, 1996. p. 12.

4. Para falar do culto oficiado pelo povo, temos os termos “Iatréia” e “douléia”; trata-se de um louvor ou serviço divino privado ou não-oficial.

5. Ver Lc 1,23; Hb 8,2.6; 9,21; 10,11.

6. Ver Rm 15,16; Fl 2,17; At 13,2.

7. Em lugar de liturgia, usaram-se os termos *mínus, officium, mysterium, sacramentum, opus, ritus, actio, celebratio* etc. Ver: AUGÉ, *Liturgia:...*, p. 16.

8. *Ibid.*, p. 17.

9. Cultuar tem muito a ver com cultivar uma relação saudável, geradora de vida e novas relações. A liturgia é serviço que leva a isso.

O conceito que melhor exprime a essência histórica e profética deste culto é o termo “memorial”. Memorial é um ato vivo de comemoração. É neste ato de memória comum que um povo ou grupo renasce. Pois só tem futuro quem tem memória.

A insistência sobre o fato de que não foi “com nossos pais” que Deus fez a aliança (Dt 5,3), mas com a geração presente, mostra que a função central do culto não é a simples memória do passado, mas a sua atualização. O culto assim concebido procura suprimir, sem esquecê-la, a distância cronológica e espacial. No memorial pascal, Israel recebe o seu passado como dom salvífico no presente, e este garante a construção do futuro.

Na espiritualidade de Israel existe uma íntima relação entre história, culto e atuação da aliança, isto é, entre culto e vida. O encontro com o Deus libertador na história, a sua celebração alegre no culto e a resposta coerente na fidelidade à aliança constituem três momentos fundamentais do memorial de Israel (ver Js 24). Mas a grande tentação dele foi apegar-se ao rito, esquecendo as exigências que a aliança requer em nível de vivência prática.¹⁰

É nesse contexto que surgem os profetas, convidando a colocar os valores na ordem original. Os profetas não se declaram contra o culto em si, mas contra o vazio dele, contra um ritualismo e palavrório privado de frutos de conversão. Os profetas pedem a prática da justiça, condição indispensável para viver o autêntico culto e a espera do Messias que inaugurará o culto perfeito (Ml 3,1-4).

A Páscoa e a evolução da compreensão dela ao longo do tempo

a) *Nas origens.* A páscoa faz parte da identidade originária do povo de Israel. Conforme Ex 12, ela foi instituída por ocasião da saída de Israel do Egito, por volta do século XIII a.C. No Livro do Êxodo se manda que seja celebrada em casa, com a família reunida. Onde a família for pequena, que se reúnam vizinhos, de modo que os participantes

10. Isto está amplamente denunciado pelos profetas.

Ver: Is 1,11-13; Jr 7,21-22; Am 5,21-25; Jr 3,16; 7,14; 26,1-15; Ez 37,26.

sejam satisfeitos com um cordeiro macho, sem defeito, de um ano, assado. É, desde então, o memorial da libertação. Páscoa vem de “pessach”, que significa saltar, pular. Segundo o Livro do Êxodo, naquela noite o anjo exterminador dos primogênitos “saltou” as casas dos hebreus porque estavam assinaladas, em suas portas, com a aspersão do sangue do cordeiro, enquanto entrou nas casas dos egípcios e feriu de morte seus primogênitos. Esse acontecimento deve ser transmitido e renovado de geração em geração nos seguintes termos: “Quando vossos filhos vos perguntarem: ‘Que significa este rito?’, respondereis: ‘É o sacrifício da Páscoa do Senhor, que passou ao lado das casas dos israelitas no Egito, quando feriu os egípcios e salvou as nossas casas’. Então o povo prostrou-se em adoração” (Ex 12,26-27).

Conforme pesquisadores, a páscoa celebrada por Israel é associação de uma festa de origem pastoril, que tinha no centro o cordeiro, e uma festa de origem agrícola, que tinha no centro o pão. A origem pastoril corresponde a uma situação bem concreta da vida de pastores seminômades que no final do período das chuvas procuravam pastagens em terras mais férteis, onde os agricultores estavam colhendo cereais. Isso acontecia todos os anos, numa noite de lua cheia entre os meses de março e abril.¹¹ A origem agrícola se refere à passagem do velho para o novo cereal (trigo, cevada), também celebrado entre março e abril. Era a festa do pão novo.¹² Da passagem para novas pastagens e para o novo cereal passa-se a celebrar a passagem da escravidão do Egito à liberdade a caminho da Terra Prometida.

b) Com o passar do tempo. Com a chegada da monarquia, as coisas foram mudando e, com a reforma promovida pelo rei Josias em 622 a.C. (2Rs 23,1-23), tivemos a centralização da páscoa no templo, em Jerusalém, conforme determina Dt 16,5-6. Em 622 a.C., a páscoa é celebrada pela primeira vez centralizada em Jerusalém e desde então é proibido ser celebrada em outro lugar. Com esse decreto Josias quer garantir a ortodoxia e, ao mesmo tempo, a união nacional. Assim, uma festa celebrada em família passa agora a ser obrigatoriamente celebrada no templo, em Jerusalém. Todo

11. DREHER, Carlos A. Festas na Bíblia. Revista *Palavras na Vida*, n. 215, p. 11.

12. *Ibid.*, p. 13.

judeu maior de doze anos tem de se apresentar diante do Senhor em Jerusalém, porque foi lá que ele escolheu morar e lá ele deve ser servido e adorado. Deviam ir para lá todos os judeus, quer morassem em Israel, quer morassem em outros países.¹³

A liturgia pascal tinha a função de servir e garantir o cultivo da identidade de Israel. Antes como uma responsabilidade de todo chefe de família, depois como uma responsabilidade dos dirigentes do país. Lembrar o que aconteceu no passado como um gesto de amor de Deus que entra na história para resgatar um povo da escravidão, colocando-o em liberdade e devolvendo-lhe a devida dignidade. Assumir como uma realidade sendo atuada na geração presente. Garantir a continuidade pelas gerações futuras, através da catequese, é o que caracteriza a liturgia pascal do Povo de Deus.

As páscoas celebradas por Jesus

A partir daqui vamos nos deter na páscoa celebrada por Jesus, tendo por base o Evangelho narrado pela comunidade joanina, já que este é chamado Evangelho pascal.

A festa da páscoa está soberanamente atestada no Evangelho da comunidade joanina. Enquanto Mateus e Marcos¹⁴ falam da participação de Jesus em uma única festa, e de páscoa, João fala da participação de pelo menos quatro festas diferentes, entre elas três páscoas. Isso significa que, segundo João, Jesus, durante os três anos de vida missionária, celebrou todas as páscoas, cada uma a seu modo. É o que vamos trabalhar aqui.¹⁵

João fala de três páscoas, nos três últimos anos da vida de Jesus. A primeira, logo depois do primeiro sinal (Bodas de Caná: Jo 2,1-11), onde ele passa do *ir* ao templo para *ser* templo. A segunda, que constitui o quarto dos sete sinais (Jo 6,1-15), onde passa do *partir* o pão para o ser pão *partido*. Não deve ser por acaso que ele ocupa o centro dos sinais e se constitui no sinal central desta parte do Evangelho. Na terceira, logo depois do sétimo sinal (Jo 11,1-43), ele ensina

13. No tempo de Jesus, a cidade, que tinha cerca de 55 mil habitantes, por ocasião da páscoa recebia, em média, 125 mil peregrinos. Nessa ocasião eram imoladas no templo cerca de 18 mil vítimas para cumprir os ritos pascais. Ver: KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 2000. p. 177.

14. Mt 20,17-19; 26,17-19; Mc 14,12-16.

15. Marcos se refere ao termo “páscoa” apenas cinco vezes (14,1.12.14.16), Mateus quatro (26,2.17.18.19) e Lucas sete (2,41; 22,1.7.8.11.13.15), em seu Evangelho, e apenas uma em At 12,4n. Todos, menos Lc 2,41, falam do mesmo acontecimento, enquanto João se refere a ela dez vezes, tratando de três diferentes ocasiões (2,13.23; 6,4, 11,55; 12,1; 13,1; 18,28.39; 19,14). Lucas dá notícia da participação de Jesus em duas

a passar do *ser servido* para o *ser servidor* de todos. Entrega a vida aos discípulos e morre em Jerusalém. A terceira páscoa compreende praticamente toda a segunda parte desse Evangelho.¹⁶

A páscoa-passagem de *ir ao templo* para *ser o templo*

Com Jesus acabou o negócio, a troca, a compensação. Agora o que prevalece é a relação na gratuidade.

Todos os evangelistas nos dão conta da presença de Jesus durante a celebração de uma festa de páscoa em Jerusalém. Nela, ele acaba entregando a própria vida e fazendo uma reviravolta no rumo e no sentido da páscoa. A saída do Egito era caracterizada pela mudança da condição de escravos para libertos. A Páscoa de Jesus resgata o predomínio da graça divina sobre a realidade da condição humana, às vezes sem rumo, tomada pelos limites e pecados.

Jesus vai a Jerusalém, entra no templo, encontra tudo preparado para a festa da páscoa. Estão lá instalados vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e também cambistas sentados. De fato, três semanas antes da festa, a estrutura já estava toda montada. Jesus expulsa a todos do templo com os animais do sacrifício. Esparrama o dinheiro, derruba as mesas e cadeiras dos cambistas e proclama a real função do templo: é casa de oração para todas as nações e não covil de ladrões, como as autoridades acabaram por fazer dele.¹⁷

Jesus deixa claro que o templo é lugar de oração para todas as nações e não apenas para israelitas cumpridores da lei. Dois vícios graves estão desviando a função do templo. Primeiro, a casa de oração virou casa de comércio, e de comércio da pior modalidade. Ali estão instalados um bando de ladrões. Segundo, o templo de Deus é para todos, mesmo que esteja em um país determinado. As autoridades de Israel se apropriaram indebitamente dele.

Foi determinado que, por ocasião da festa, todo bom judeu, de qualquer parte do mundo, devia ir a Jerusalém oferecer sacrifícios. Já era difícil viajar com os objetos de

páscoas, uma aos 12 anos e outra no último momento de sua vida.

16. Esta parte vai do capítulo 13 ao 19.

17. Mc 11,17; Mt 21,13; Lc 19,46; Jo 2,16.

primeira necessidade, por isso as pessoas não levavam animais para o sacrifício, já que deviam ser imolados somente pelos sacerdotes e no Templo de Jerusalém. Cada peregrino levava o dinheiro e lá comprava, conforme suas condições, boi, ovelha ou pombo para o sacrifício. Mas os animais para o sacrifício não podiam ser adquiridos com dinheiro estrangeiro, por isso os cambistas estavam lá instalados, para favorecer os peregrinos.

Havia, de fato, toda uma infraestrutura para favorecer os peregrinos, mas que, na prática, favorecia os detentores do poder sobre o templo. A concessão de licenças para a instalação de postos comerciais revertia em proveito do sumo sacerdote.¹⁸ Toda essa infraestrutura é antipascal.

A ação dele dá a entender que tudo aquilo nada tem a ver com a páscoa do Senhor. A festa da libertação da tirania egípcia foi transformada em opressão entre irmãos. Os israelitas que estão no poder, coordenados pelos sacerdotes, se impõem sobre os demais irmãos, o povo de Israel. Apoderaram-se do que é de todos em favor de si mesmos. Do jeito que está, a páscoa do Senhor não pode acontecer.

O chicote

Só João apresenta Jesus com um chicote. O Judaísmo tardio costumava representar o Messias com um chicote, significando as aflições (dores de parto) que antecederiam a chegada dele.¹⁹ É possível que a comunidade tenha presente essa mentalidade. Mas João avança mais que os sinóticos. Sugere a substituição do Templo de Jerusalém pela pessoa de Jesus. Enquanto Mateus, Marcos e Lucas apresentam Jesus retomando a função primeira do templo, João sugere a substituição dele.

No Livro do Êxodo se recomenda a celebração da páscoa para o Senhor (Ex 12,26-27). Aqui, em João, a páscoa parece privatizada. Ela é dos dirigentes dos judeus. É importante ter presente que João é o Evangelho pascal e o Jesus pascal de João é o da memória cristã.²⁰ Na primeira páscoa temos uma ação no Templo de Jerusalém. Na segunda o templo nem interessa, a celebração acontece longe dele. Na terceira

18. MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 148.

19. *Ibid.*, p. 144.

20. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 177.

o templo é um lar, enquanto o cordeiro é a própria pessoa de Jesus.²¹

Convocado para justificar sua ação, Jesus responde: “Destruí vós este templo, e em três dias eu o reerguerei” (Jo 2,19). As autoridades entenderam que se tratava do Templo de Jerusalém, mas Jesus falava de seu corpo. Com este ato Jesus vira do avesso a páscoa, dita dos judeus, e estabelece o sentido de origem que tinha sido, por eles, desfigurado. O ritual da páscoa em si nada vale, vale sim naquilo que significa conversão, mudança de mentalidade e procedimento na vida de quem celebra.

A páscoa, na verdade, não precisa de sacrifícios de nenhum animal, tampouco precisa de templo. O verdadeiro templo é o corpo de Jesus e o verdadeiro sacrifício é a vida que ele doa e não aquela que se mata. Páscoa é muito mais que rito, é passagem, é mudança, é transformação que acontece na pessoa que celebra em favor do desenvolvimento de qualidade, de uma vida que possa superar todos os limites e embates da história, jorrando para a abundância da plenitude.

O entendimento dessa realidade nos leva a perguntar: que fazemos nós com os acontecimentos que herdamos? Como os celebramos e como os passamos para frente? Não é possível celebrar libertação usando estrutura de opressão. A Páscoa, de fato, só acontece onde Deus prevalece.

A memória dos discípulos

Todos os evangelistas acordam que a ação de Jesus no templo foi testemunhada pelos discípulos. Ele não estava só. Aquilo era também um grande ensino. João nos diz que durante a ação os discípulos se recordaram do que está escrito no Sl 69,10: “O zelo por tua casa me há de devorar” (Jo 2,17). Eles viram isso sendo cumprido na pessoa de Jesus. Jesus será devorado por seu zelo pela casa de Deus, mas a real casa de Deus é toda a pessoa humana que tem como referência básica a pessoa de Jesus, pois Deus não habita em casas feitas por mãos humanas.²² Assim, o zelo pela vida da humanidade levou à entrega da própria vida, de modo

21. Quanto às acusações de violação do templo e do culto, os profetas estão fartos de denunciar. Miqueias (3,8-12) e Jeremias (7,1-15; 26,1-19) chegam a anunciar, em nome de Deus, o fim do templo, pela destruição.

22. Ver: Is 61,1; 2Sm 7,5-6.

que a morte físico-biológica se tornou um detalhe diante da grandeza do desprendimento e da doação. Deixar-se tomar, todo inteiro, pelo zelo, pelo cuidado dos outros, isto é ser devorado, é tornar-se verdadeiramente pascal. A questão básica não é cumprir o preceito, mas dar sentido e qualificar a vida.

A segunda memória dos discípulos vem depois da ressurreição. Vendo-o ressuscitado, entenderam a palavra que testemunharam no templo: "Destruí vós este templo, e em três dias eu o reerguerei" (Jo 2,19). Com Jesus perde força a era do templo em Jerusalém e ganha força a era do templo de carne e osso que é cada pessoa humana. Este deslocamento de foco é tão impensado pela lógica humana que até hoje cria dificuldades nas práticas religiosas de seus seguidores. A páscoa da virada coloca os pingos nos is. Agora o templo é o corpo de Jesus e o corpo de Jesus é a comunidade-Igreja reunida em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Onde Deus habita, a morte, impingida pelas autoridades ou por quem quer que seja, não é capaz de desfazer a abundância de vida.

A páscoa-passagem do *partir o pão* para o ser *pão partido*

Do pão de trigo ou cevada para o pão do sentido de vida doada. Do alimento de cada um para a circularidade do alimento, partilhado, em pequenos grupos, sem templo, na gratuidade e na frugalidade. A necessidade espiritual é também material e concreta, mas não se completa nem se esgota nela.

Centralidade do pão. Segundo Mt 6,11, o pão de cada dia está no centro dos sete pedidos da oração que Jesus ensinou. "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje." Segundo Lc 11,3, o pão de cada dia está no centro dos cinco pedidos da mesma oração. Todos os evangelistas estão de acordo sobre o sinal do pão, que chamamos de multiplicação. Aliás, é o único sinal-milagre trazido por todos²³ e repetido em Marcos e Mateus.²⁴ Mas só o evangelista João relaciona o acontecimento com a páscoa.

23. Mc 6,30-44; Mt 14,13-21; Lc 9,10-17 e Jo 6,1-15.

24. Mc 8,1-10; Mt 15,32-39.

Em Ex 16,1-12, pão é símbolo de todo alimento para a sobrevivência. Em 1Rs 19,6-8, o profeta Elias só pode ressurgir de sua condição mediante o pão. “Levanta-te e come!” Mas durante a tentação do deserto Jesus reage à proposta do diabo a respeito do pão e diz: “Não só de pão vive o homem” (Mt 4,4; Lc 4,4). Em Lc 24,30-31 se diz que os olhos dos discípulos se abrem ao partir do pão. Esse pão é muito mais que farinha amassada, é vida da melhor qualidade, doada.²⁵

A substituição

Segundo a narrativa joanina, na primeira páscoa Jesus vai ao Templo de Jerusalém. Na segunda, porém, permanece na Galileia. Talvez ele queira apresentar uma alternativa cristã para rememorar as tradições da páscoa e do êxodo. Podemos constatar aqui o esquema teológico de João, que consiste em substituir as instituições judaicas por Jesus.²⁶

Longe do templo e das autoridades judaicas, seguido por uma multidão, sinaliza para uma páscoa centrada na pessoa dele, aberta a um processo de partilha, comunhão e retorno de vida abundante para todos. O conagraçamento de Israel, durante a festa da páscoa, no templo, é substituído pelo conagraçamento em torno de Jesus, no lugar onde ele estiver, com a multidão que o segue.²⁷ Mas enquanto a páscoa no templo favorece os controladores dele, a páscoa em torno de Jesus favorece e engrandece a todos. Também a centralidade do pão é trocada pela centralidade de Jesus.

A iniciativa de Jesus

Diferente de todos os outros evangelistas, os quais afirmam que a preocupação com a alimentação da multidão nasce dos discípulos,²⁸ João diz que vem de Jesus. Ele se antecipa e questiona os discípulos. Enquanto a multidão se aproxima, Jesus já sabe o que ela busca e sabe também que resposta precisa dar. Na resposta de Filipe, representante dos discípulos, aparece a distância existente entre a novidade de Jesus e a prática da tradição.

Na páscoa do Êxodo comem às pressas, em pé, pães sem fermento, cordeiro assado e ervas amargas, cingidos, para

25. O pão também pode ser símbolo de alimentos não-recomendáveis: pão da impiedade (Pr 4,17), pão da preguiça (Pr 31,27).

26. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 169.

27. *Ibid.*, p. 170.

28. Mc 6,35-36; Mt 14,15 e Lc 9,12. Os discípulos querem que o povo se vire para providenciar o alimento.

viajar imediatamente (Ex 12,8-11.39). Nesta páscoa comem organizados em grupos, sentados na relva, tranquilamente, sem pressa, pães de cevada, o tanto que necessitam para ficarem saciados, e ainda sobra muito, para o futuro.

Este pão não se estraga, é incorruptível, permanece pelos séculos. Parece que em Jesus se cumpre a profecia de Is 25,6-8, banquete para todos, sem exclusão, celebrado sobre a montanha, com carnes gordas e suculentas, vinhos finos e depurados.

A busca de resposta

Conforme os evangelistas sinóticos, os discípulos levaram pão para si. Querem dispensar a multidão para preservar o seu pão com a justificativa de que não é suficiente. Eles só colocam o pão em comum por ordem expressa de Jesus. O que querem mesmo é que cada um se vire para resolver o próprio problema.

Segundo João, enquanto Filipe justifica a impossibilidade de solução, André procura uma alternativa e se depara com cinco pães de cevada e dois peixinhos nas mãos de um menino. Filipe ocupa seu tempo e sua inteligência em buscar justificativas para o impasse e desculpas para não ser responsabilizado. André encara a realidade e se ocupa na busca de solução. Encontra um sinal. Há pão, é de cevada,²⁹ não de trigo, é pouco, mas o menino, pessoa que está começando a vida agora, coloca à disposição.

Jesus é o primeiro responsável, mas quer partilhar com os seus, aliás, quer apresentar o Evangelho de Deus. Isso exige a participação de todos. Ele toma os pães e dá graças. Nós, geralmente, só damos graças quando temos em abundância, porque, a nosso ver, é a abundância que significa graça. Jesus dá graças por cinco pães e dois peixinhos diante de cinco mil pessoas famintas.³⁰ É a gratidão sobre o pouco que faz o muito. É pouco, mas é dom de Deus, e dom pode-se multiplicar, pois a graça partilhada tem alcance ilimitado.

Depois da ação de graças, o pão se multiplica, tem para todos, o quanto necessitam, e ainda sobra abundantemente. Quanto mais se dá, mais se tem. Doze cestos de pães signi-

29. O pão de cevada é considerado de qualidade inferior ao de trigo na média de dois de cevada por um de trigo. Muitos querem ver no pão de cevada, do texto de João, alusão aos pães multiplicados pelo profeta Eliseu em 2Rs 4,42-44.

Ver: MATEOS; BARRETO, *O evangelho de São João*, p. 295.

30. Não queremos entrar aqui nos detalhes das várias interpretações a respeito do número de pães ou de pessoas, nem se foi ou não assim mesmo que aconteceu. O que nos interessa é o rumo que o texto nos dá.

ficam um para cada tribo de Israel. A fome desse momento foi saciada, mas a vida continua. Novos momentos virão e novas gerações surgirão.

O desencontro

As multidões seguem Jesus por aquilo que ele pode dar. Jesus ensina como repartir, isto é, como as pessoas precisam ser umas com as outras. Enquanto as pessoas buscam alguém que se responsabilize por elas, Jesus ensina a responsabilidade mútua, a corresponsabilidade. A abundância de alimento é graça de Deus, mas é igualmente empenho de cada pessoa e de todas juntas, umas em favor das outras. A multidão que vibra num primeiro momento fica desapontada num segundo momento e segue em busca de alguém que resolva seus problemas. É censurada por Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: estais me procurando não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes saciados” (Jo 6,26).

Os discípulos que participam do processo também ficam sem entender e resolvem voltar para casa.³¹ Essa volta está carregada de símbolos: é noite, está escuro, o vento forte sopra contra eles, o mar está agitado e eles navegam num barco pequeno. Chegam até o meio. Quando Jesus os alcança, imediatamente vencem a outra metade. Sem Jesus o processo é pesado e demorado, com ele toma novas proporções.

Quando as coisas ficam confusas e a segurança acaba, a tendência é recuar, mas confiar em Jesus é avançar. Aí está o desafio, pois o acontecimento, a festa, o rito, por si só não basta. Há um antes e um depois. As pessoas precisam acolher, entender e se dar para que as coisas não acabem no fim do ato, mas permaneçam vivas e vivificantes na pessoa que celebra.

Novo rumo

A páscoa do pão sinaliza para a novidade do Reino inaugurado por Jesus. Em primeiro lugar, mostra que a vontade de Deus é abundância de vida e isso se obtém com o pão necessário de cada dia. Em segundo lugar, evidencia que a garantia da abundância está na partilha, e isso acontece com a participação de todos. Em terceiro lugar, ressalta que

31. Segundo

Mc 6,45 e

Mt 14,22, foi Jesus quem os obrigou a voltar sozinhos para casa.

a partilha acontece quando há corresponsabilidade efetivamente solidária que leva a colocar, em comum, tudo o que cada um tem. Mas não termina aí; a Páscoa do pão sinaliza para a Páscoa da vida que se faz pão e do pão que permanece sempre.

A páscoa-passagem de *ser servido* para *ser servidor* (Jo 13,1-20)

Alguns exegetas dizem que esse texto possui muita afinidade com os textos que expressam a despedida de importantes personagens da história bíblica e da história antiga em geral.³²

Jesus sente que sua hora se aproxima, reúne os seus e manifesta-lhes o último desejo com um gesto que marca para sempre a história da humanidade. Acompanhem os gestos e entendamos o recado de cada um.

Enquanto comem

“Durante a ceia.” O texto nos diz que Jesus realizou o “lava-pés” durante a ceia. Todas as refeições tinham o “lava-mãos”. Algumas especiais tinham o “lava-pés” no início, antes da ceia, como sinal de acolhida e de hospitalidade (Lc 7,44). Jesus realiza seu gesto enquanto a refeição está acontecendo. Que significa isso? Pode significar que ele está colocando uma relação muito estreita entre o comer e o servir, melhor dizendo, entre a Eucaristia e o serviço solidário. Até Jesus, os convidados para a refeição são servidos e saem satisfeitos. A partir de Jesus, os convidados para a refeição servem-se uns aos outros e saem da refeição para servir outros. O dom recebido é partilhado entre os seus, mas isso não basta, ele precisa ser colocado à disposição de todos, a começar pelos mais carentes. O dom é, ao mesmo tempo, graça e missão. O poder que ele traz é para conduzir à vida em abundância.³³

Ele se levanta

Jesus “levantou-se da ceia, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a à cintura”. Ficar de pé é posição que ex-

32. Gn 27,1-45; 47,27-31; 49,1-33; Dt 33,1-29; Tb 4,1-21.

33. Ver o que Jesus diz em Jo 10,10.

pressa prontidão para servir. Ele mesmo se despoja. Abrir mão do manto é uma iniciativa livre e soberana, que nasce de seu próprio interior. Ensina, assim, que, na dinâmica do Reino de Deus, para servir é necessário se despojar, por isso tira (depõe) o manto.

O Senhor assume, em tudo, a condição de servo, para servir. Troca o manto pela toalha-aventil: este parece ser o distintivo fundamental, divisor de águas entre a religião antes e depois de Jesus Cristo. As autoridades religiosas vestiam-se do distintivo de autoridade-poder para servir o povo. Jesus despe-se dele para servir. Ele serve verdadeiramente como servo. Os outros serviam como senhores. E nós, como servimos? Tal inversão continua dando problema até hoje. A dinâmica cristã exige testemunho de solidariedade concreta, sempre aberto a atingir uma realidade, o mais amplamente possível.

Começa a lavar

“Põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido.” O senhor pode até lavar os pés de outro, mas é o servo que lhe prepara a bacia com água. Ele só se presta ao gesto pontual. Os preparativos ficam por conta de outros. Jesus assume os preparativos, não faz trabalho pela metade. Enxuga os pés que acaba de lavar com a toalha com que está cingido, isto é, liga o seu corpo todo ao serviço que presta. O gesto que faz expressa o que ele é. Ele é inteiramente servo. Todo o seu ser está a serviço. Ele se dá naquilo que faz, e faz o que propõe aos discípulos.

Lava os pés dos discípulos. Inclina-se aos pés deles, até o chão. Isso pode significar reverência, mas com certeza significa submissão. Ser discípulo é estar submisso ao mestre. Normalmente, é o discípulo que serve o mestre e se sente honrado em fazê-lo. Na Boa-Notícia cristã acontece o inverso. O mestre lava os pés dos discípulos, essa é a dinâmica que revela a novidade do Reino de Deus. Lavar os pés dos discípulos é cuidar dos que servem os servos. Grande e estranho desafio: para servir o Senhor dos senhores, é necessário inclinar-se ao servo dos servos.

Os pés

Por que Jesus lavou os pés? Há um simbolismo nisso. Os pés são os servos do corpo, são nossos servos, nos aguentam o dia todo e nos conduzem por onde queremos ir.

A sociedade do tempo de Jesus estava organizada de maneira que o servo servisse o senhor. Mas Jesus propõe outra dinâmica. A maior honra, o sentido do Reino não vai por aí, mas exige que se sirvam os servos. Foi isso que levou Pedro a reagir. A mudança é estonteante, sem precedentes, completamente fora da lógica até então vivida. Como pode? Todo mundo quer ser senhor, ou, pelo menos, servo do senhor, mas agora vem Jesus e propõe que sejamos servos dos servos. Isso é muito para Pedro e seus companheiros. Isso é muito também para nós.

Pedro também conhecia o lava-pés como purificação, mas Jesus tem outra intenção e dá outro sentido. Então, Pedro fica perdido. O lava-pés que Jesus realiza nada tem a ver com purificação, mas com participação, com adesão à missão, isto é, a construção do Reino de Deus.

Retoma o manto

“Depois que lhes lavou os pés, retomou o manto, voltou à mesa e lhes disse: compreendeis o que vos fiz?” Jesus volta ao lugar em que estava antes, mas volta diferente. Ele repõe o manto, mas não depõe a toalha-avental. Ele assume e visibiliza uma nova realidade que caracteriza o novo modo de ser, que é próprio dos cristãos. O poder serviço tem como primeiro símbolo o avental. O avental é o selo de autenticidade que orienta, credita e dignifica o poder do poder feito serviço. O poder cristão nasce do serviço, se sustenta nele, só persevera servindo.

O exemplo

Jesus pede que a dinâmica iniciada por ele tenha continuidade, seja progressiva e circular, partindo do meio para a periferia em forma de círculo a fim de atingir a todos. O novo modo de exercer o poder é praticado primeiro entre todos os que participam da ceia, mas deve ser exercido sem limite de tempo ou de espaço, isto é, deve atingir toda

criatura em todos os tempos até a plenitude. Festejar não é só comer juntos e jogar conversa fora, é também servir, comprometer-se com as necessidades uns dos outros. Através da ceia Jesus se dá. É missão dos discípulos continuar o seu dom servindo-se uns aos outros. “Entendeis o que eu vos fiz? [...] sereis felizes se o puserdes em prática.”

A Páscoa de Jesus

Um serviço onde o servidor se dá ao bem comum e se faz bem comum.

Nesta páscoa Jesus se submete à transformação de si mesmo. Todos os evangelistas, especialmente os sinóticos, fazem questão de insistir sobre o aprendizado pascal que os discípulos precisam acolher. “É necessário que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, seja morto e, três dias depois, ressuscite.”³⁴ Essa declaração repetida três vezes pelos três evangelistas sinaliza para o foco da mudança que é a entrega da própria vida sem discriminação, em favor do povo, pela causa de Deus, inclusive para os inimigos. Assim, Jesus não apenas celebra uma Páscoa, mas pascoaliza a própria existência e convida os seus seguidores a fazerem o mesmo.

Jesus observa, por um lado, as práticas culturais de seu povo, mas, por outro, é fiel à linha dos profetas que exigem o primado do espírito sobre o rito.³⁵ Ele resume e centraliza os mandamentos no cumprimento do amor a Deus e ao próximo e coloca como exigências fundamentais do verdadeiro culto o amor e o perdão ao irmão.³⁶ Introduce um novo culto, praticado em “espírito e verdade” (Jo 4,24). Compadece-se de nossas fraquezas e as experimenta. É provado em tudo, mas não peca (Hb 4,15). Não oferece sacrifícios todos os dias como faziam os sacerdotes até então, mas oferece a si mesmo todo inteiro, sem reservas, uma única vez, e chega à perfeição (Hb 7,27). Ele não oficia em templo algum, mas na tenda-não-feita-por-mãos-humanas que é seu próprio corpo (Hb 9,1.11). Em vez do sangue de touros e bodes, oferece o próprio (Hb 9,12). Nele se cumpre o que diz o salmo: “Não quiseste sacrifício nem oferta, mas

34. Mc 8,31-33;
9,30-32; 10,32-34;
Mt 16,21-23;
17,22-23; 20,17-19;
Lc 9,22; 9,43-45;
18,31-34.

35. Ver Mc 12,33;
Mt 5,23-24.

36. Ver Mc 7,6-9;
12,28-33; Mt
5,23-24; 9,9-13; Lc
10,25-28.

abriste meus ouvidos” (40,7). É nesse corpo que vem fazer acontecer a vontade daquele que lhe deu: “Eis que eu vim para fazer a tua vontade” (Hb 10,9).

A iniciativa é de Deus. Antes de pedir qualquer coisa, ele nos dá. Em vez de pedir sacrifício, dá-nos um corpo. É no corpo que correspondemos aos seus desígnios, à nossa vocação e missão. É nele que podemos ou não fazer prevalecer e realizar a sua vontade. É com ele que louvamos, bendizemos e servimos. É também com ele que podemos nos rebelar e realizar a nossa própria vontade. Em vez de sacrifícios rituais, uma vida moldada na realização da vontade de Deus é o culto agradável realizador e transformador da pessoa que o presta, de modo que o nosso culto, a nossa verdadeira liturgia, é sempre uma resposta reconhecida ao dom recebido de Deus. É nesse rumo que vai o sentido de nossa consagração religiosa.

O objetivo do culto é uma transformação profunda da pessoa, trata-se da capacitação para a perfeição da consciência. Espontaneamente se compreende a oferenda como um meio de agradecer a Deus e de obter seus benefícios. Um dom que a pessoa oferece a Deus, um presente que lhe dá. Alguns pensavam que isso servisse até mesmo para comprá-lo. Segundo o autor da Carta aos Hebreus, o resultado do sacrifício deve ser, antes de tudo, transformação daquele que oferece. Faz também compreender que todo sacrifício deve ser de santificação, isto é, de transformação, já que a finalidade é sempre a de fazer a pessoa digna de se apresentar a Deus. Não basta separar as coisas para Deus e zelar por elas, não basta fazer as coisas bem feitas, é necessário transformar as consciências.³⁷

A novidade da liturgia cristã está exatamente em ser sempre pascal, isto é; não produzir ações organizadas à margem da vida, mas ações que constituem a própria razão de ser dos cristãos: criar homens e mulheres que vivem em Cristo.³⁸ “Os cristãos não têm outro templo a não ser o corpo glorificado de Jesus, nem outro altar a não ser a cruz, nem outro sacerdote e sacrifício a não ser a mesma pessoa de Jesus.”³⁹ O corpo de Cristo, ou seja: a sua humanidade, além de ser

37. Ver: VANHOYE, A. *Sacerdotes antiguos, sacerdote nuevo*. Salamanca: Sígueme, 1984. p. 224.

38. Ver: Cl 3,12-17; Gl 2,20.

39. Ver: Gl 2,19-20; 6,14-16. AUGÉ, *Liturgia:...*, p. 22.

templo de Deus, é também o substituto das vítimas animais do antigo *status* cultural.⁴⁰

A centralidade da obediência no caminho pascal

A obediência de Cristo, que se compromete até o fim no cumprimento da vontade do Pai, abre a liturgia cristã a categorias novas e originais. Ele não se arrogou a mediação, mas a recebeu daquele que disse: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei”. Assim, “nos dias de sua vida terrestre, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte. E foi atendido, por causa de sua piedosa submissão. Mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa a obediência, por aquilo que ele sofreu” (Hb 5,5-8).

É a obediência que garante a passagem. A primeira passagem é obedecer a si mesmo para obedecer à voz do Senhor. A dificuldade está que a voz dele pode falar e fala também dentro da gente, e podemos confundir a vontade dele com a nossa. A obediência implica sofrimento, porque exige renúncia. Renúncia é violência, é perda, mas quem não sabe perder nunca vai entender a realidade do outro, da outra. Por isso o autor da Carta aos Hebreus diz que a obediência é um aprendizado. Aprendizado que também Jesus empreendeu, mas não é só isso, é também oferenda com poder de santificação.

“A atitude de Cristo se torna o novo e exclusivo modelo cultural.”⁴¹ Já não se oferecem objetos, tempos, espaços, pessoas, mas cada um oferece a si mesmo, entrega-se, despoja-se do próprio querer, da própria vontade. O crente instala dentro de si um processo pascal atuando constantes mortes e ressurreições. Quem não aprende a morrer não pode se multiplicar e fica sem condições de ressuscitar.

A categoria hebraica da “sacralização”⁴² através da escolha externa do profano é substituída pela “santificação”⁴³ a partir de dentro, a tal ponto que, na esteira do Segundo Testamento, o lugar primário da liturgia ou do sacrifício dos cristãos passa a ser a ética do cotidiano, santificada pela fé e pela caridade.⁴⁴ Assim, não interessa mais tornar as coisas, os

40. Hb 9,11-14; 10,14.

41. AUGÉ, *Liturgia*:..., p. 22.

42. Sacralizar é tirar do mundo em geral, chamado profano, para tornar objeto exclusivo de uso em função da divindade, isto é, religioso.

43. Santificar é permear com as características da divindade. “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2).

44. AUGÉ, *Liturgia*:..., p. 23.

espaços, o tempo e as pessoas sagradas; o que importa agora é trabalhar a santidade das pessoas, pois por ela, pelo modo de ser e de agir, as pessoas se vão convertendo, mudando as relações e transformando o mundo. Eis o culto agradável a Deus.⁴⁵ Eis o que Paulo chama de culto espiritual.⁴⁶

Jesus vive uma vida de obediência total ao Pai e de serviço à humanidade (Mc 10,45); este é seu culto e sacrifício. No final de sua vida, retoma e resume tudo no gesto da fração do pão e da roda do cálice com vinho, conforme os sinóticos, mas João ressalta o lava-pés. Entrega a vida aos discípulos para que celebrem sua memória no rito — “faça isto em memória de mim” — e na vida — “tomai e comei” —, isso tudo feito de forma inseparável.

As nossas práticas correspondem à de Jesus?

A título de questionamento, convido para atentarmos para nossas práticas litúrgicas realizadas muitas vezes espontaneamente, sem tomada de consciência. É, na prática, o velho ditado: “O uso do cachimbo põe a boca torta”, e quem vem depois acha tudo muito normal. Observando com mais atenção os Evangelhos, vemos que Jesus sempre atua com muita proximidade do povo, e de forma sempre circular. Quando está a serviço do povo, está no meio dele, e só se afasta quando quer estar a sós com o Pai. Segundo João, isso faz parte do objetivo dele: “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14).

Os sinóticos também revelam esse modo de agir. Avisado da presença de parentes, lança um olhar ao redor e proclama: “Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,35). Mais adiante, acossado pela incompreensão dos discípulos, chama os Doze e diz: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos, aquele que serve a todos!” (Mc 9,35). Depois, coloca uma criança no meio deles, abraça-a e continua a lição. João também nos diz que a prejulgada adúltera é colocada no meio, junto de Jesus, para que ele pronuncie a sentença (Jo 8,11). O Livro

45. “[...] assistir os órfãos e as viúvas em suas dificuldades e guardar-se livre da corrupção do mundo” (Tg 1,27).

46. Ver: Rm 12,1-2; Gl 5,13-25.

do Apocalipse continua insistindo na centralidade de Jesus nas comunidades (Ap 1,12-16; 5,6).

As pessoas estão colocadas em círculo, frente a frente, Jesus está no centro, de modo que todas as que se voltam para ele automaticamente se voltam para os semelhantes. Não é possível olhar para Jesus sem ver o rosto do irmão, não o rosto do irmão no rosto de Jesus, mas o rosto de Jesus e o rosto do irmão juntos. Mas nós estamos acostumados a prestar culto a Deus e buscar a comunhão com Jesus olhando para a nuca dos irmãos e, quando alguém prepara uma disposição diferente, achamos, no mínimo, estranho, quando não protestamos.

Achamos normal continuar com o sistema de “muro das lamentações”, onde todos se reúnem, cada um ocupado com seus problemas e suas necessidades, esquecidos que temos e somos irmãos. Nesse sentido é muito defasado o que fazemos com as celebrações dos sacramentos, particularmente da Eucaristia. O modo como nos preparamos para celebrá-los e como preparamos a celebração. O sentido de pertença e de presença que damos e o sentido que acolhemos. A vida que acolhemos e a que partilhamos. O tempo que investimos, o espaço que construímos, as relações que estabelecemos, tudo precisa ser tratado com zelo, mas com gratuidade; com firmeza, mas com misericórdia; com despojamento, mas com protagonismo e corresponsabilidade.

Há quem justifique que o rito é sempre o mesmo e já está pronto. Também as pessoas podem ser sempre as mesmas, o oficiante sempre o mesmo, e aí vira uma mesmice rotineira sem graça. Há quem confunda com devoção e há quem misture propositadamente. Há quem já veja o sacramento como um outro rito qualquer que expresse algum sentido de vida para alguém. Mas há quem encontre a fonte da vida e a graça da santidade.

Na Eucaristia, por exemplo, insiste-se na centralidade de Jesus Cristo, simbolizado pelas mesas: a pequena, da proclamação da Palavra, e a grande, da fração do pão. O centro pode ser Jesus, a mesa é símbolo dessa realidade, mas conforme seu ensinamento nenhuma mesa é exclusiva para ele,

pois onde Jesus está estão com ele todos os que o seguem. Em nossas celebrações a mesa já não fica no centro, mas na frente, e tomada totalmente pelo sacerdote, expressamente separada da comunidade celebrativa, com especialistas em garantir a beleza da separação, exibindo e exigindo a diferenciação e a discriminação. Reclamando, depois, da falta de efeito do mistério que se celebra na vida das pessoas.

Continuamos com o grande desafio de nos organizar de modo coerente com o que confessamos e com aquilo que queremos nos tornar. Precisamos congregar para comungar, comungar para partilhar e partilhar para gerar novas comunidades.

A Vida Religiosa Consagrada

Uma das características mais significativas da VRC é vivenciar hoje o que se espera do amanhã. A isso se denomina escatologia. O apóstolo Paulo e o evangelista João têm insistido muito neste ponto como característica da vida cristã. Segundo Paulo, a adesão a Cristo nos torna novas criaturas (Gl 6,15). Inseridos no “hoje”⁴⁷ de Deus, podemos viver agora o amanhã da história. A inserção na humanidade de Jesus garante a participação na divindade de Cristo.

Como isso se demonstra na prática? Pelo mergulho nas motivações fundantes do nosso ser e existir que nos capacitam a experimentar as realidades reconhecendo suas graças e seus limites sem nos apegar e sem desprezar. As antigas referências e seguranças dão lugar a referências capazes de superá-las e transcendê-las. As obras da lei são substituídas pelas obras da fé. A hierarquia dos merecimentos é derrubada pela graça. A circuncisão obrigatória dá lugar à adesão na liberdade. A descendência de sangue é superada pela acolhida na fé. A adesão a Jesus Cristo cria uma nova família. O fato de alguém ser judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher passa para um segundo plano (Gl 3,28). Todos continuam com suas características e realidades anteriores à adesão a Cristo, mas o foco de identificação, de discernimento e de valor muda radicalmente. A participação na

47. Lc 2,11; 4,21; 19,9.

Páscoa de Jesus nos habilita a trabalhar em nós mesmos processos de mortes e ressurreições e atingir níveis mais profundos, mais amplos e permanentes de nosso próprio ser. Para se chegar a isso é necessário que não se perca de vista o foco da espiritualidade.

A esse respeito quero ressaltar tanto o ganho positivo quanto o negativo que a VRC teve com a acolhida das ciências humanas: Antropologia, Psicologia, Sociologia, a descoberta da importância da cultura vivida em cada realidade local. Certamente, aprendemos a entender e acolher de maneira mais natural, menos preconceituosa, a condição humana e a lidar com ela. A ciência, dom de Deus, usada conforme seus desígnios, nos ajuda a mergulhar em seus mistérios e nos leva ao protagonismo corresponsável na construção da história.

Por outro lado, a supervalorização dessas realidades tem enfraquecido a espiritualidade e apagado a ousadia, tornando morna a vivência da fé, o testemunho da caridade e a força da esperança. A acolhida da condição humana histórica tem-se tornado justificativa para quem não quer progredir no espírito e âncora dos que não se dão à conversão. A cumplicidade com as limitações mata a dimensão pascal da condição humana, reduzindo a Páscoa a um rito festivo atrelado ao comércio e ao prazer hedonista. O amor fica medido pelo que se recebe e a doação fica para os períodos de folgas, finais de semana ou datas especiais. O protagonismo do Espírito, na história, através da VRC, precisa tomar fôlego para continuar fazendo a diferença.

Mas a pascoalidade da VRC precisa garantir, antes de tudo e sempre, a continuidade da encarnação de Deus na pessoa de Jesus. O mundo continua carente de um Deus humano, próximo, curvado até o ser humano mais miserável e rebaixado para ajudá-lo a se erguer e ser autêntica imagem e semelhança dele. Pois mais que ocupar-me do Deus para mim preciso ocupar-me do Deus em mim e por meio de mim em favor de toda a humanidade, de toda a criação.

Somos convocados a passar da busca de um Deus que desça para a acolhida do Deus que já desceu; de um Deus

inimigo ou alienado da condição humana para um Deus acolhedor, amigo e plenificador da condição humana; da busca insaciável do suprimento das próprias necessidades para a concentração de esforços na oferta de solidariedade; da busca de lugares perfeitos que nos forneçam paz e tranquilidade para a construção de espaços humanos artífices de paz; de uma vida amarrada ao passado como segurança e justificativa do presente para uma vida focada no futuro como meta possível de ser atingida; de uma existência solta no ar ao sabor dos ventos para um modo de ser e agir estabelecido no único⁴⁸ fundamento em que se pode construir algo que permanece.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como dispomos as celebrações de nossas festas? Como celebramos a centralidade da pessoa de Jesus?
2. Quais são as consequências das celebrações pascais na nossa prática cotidiana?
3. Como fazer para passar da celebração da Páscoa para a vivência de um processo, de uma dinâmica pascal?

INÊS PRETTO, DP*

O lema deste e dos outros oito Fóruns anteriores foi “Um outro mundo é possível”. Porém, em meio a uma das atividades deste IX Fórum Social Mundial (FSM), fomos convidadas(os) a proclamar “Eu creio que outro mundo é possível”. Ao refletir sobre o significado e as experiências do FSM, nascem perguntas cujas respostas podem não ser nem simples nem imediatas: É, de fato, possível um outro mundo? Que outro mundo é esse? Quem constrói e organiza esse mundo? Mas será que a gente quer um outro mundo? Este mundo em que vivemos não está bom para um punhado de gente que o domina e o coloca a seu serviço? Num mundo onde os maiores referenciais são os seres humanos e o dinheiro, por onde passa a construção de um outro mundo possível?

Formulando essas e outras perguntas e passando por diferentes FSMs, fica ressoando o hino do Fórum de 2005: “Um outro mundo é possível se a gente quiser. Um outro mundo é possível se a gente fizer”. Permanece, então, a certeza da responsabilidade individual e coletiva na construção desse outro mundo, que, tal como o Reino de Deus, tem sementes germinando em toda parte, mas precisam ser cultivadas. Outras terras precisam ser preparadas para que novas sementes possam germinar e frutificar.

*** Irmã Inês**

Pretto é irmã da Divina Providência. Membro da Coordenação da Província de Porto Alegre, é socióloga com especialização em Educação Popular, Antropologia Social e Projetos Sociais. Participante do FSM em nome da CRB-RS. **Endereço da autora:** Rua da Gruta, 145, Cascata, CEP 91712-160, Porto Alegre-RS. E-mail: inespretto@yahoo.com.br.

Que é o Fórum Social Mundial e quais seus objetivos

O Fórum Social Mundial é

um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e articulação para ações eficazes de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra (1º Princípio do FSM).

Em 2001, aconteceu o 1º Fórum Social Mundial em Porto Alegre, onde também foram realizados os de 2002, 2003 e 2005. O de 2004 foi realizado na Índia. Em 2006, o Fórum aconteceu de maneira descentralizada em Mali (África), Paquistão (Ásia) e Venezuela (Américas). Em 2007, aconteceu no Quênia (África). Do primeiro Fórum, em 2001, resultou a Carta de Princípios para garantir a manutenção do FSM como espaço permanente para buscar e construir alternativas ao neoliberalismo. Aquela Carta de Princípios define orientações para todos os Fóruns.

Não há conclusões ou estratégias comuns no final de um FSM para todos os países. O FSM aponta a direção, partilha experiências, fortalece articulações, questiona posturas, levanta suspeitas, denuncia autoritarismos e contradições de sistemas, governos e instituições. As conclusões são tiradas nas tendas dos grandes temas e cada país vai fazendo que elas aconteçam nas suas realidades.

Porque em Belém do Pará

A Amazônia é uma das últimas áreas do planeta que está relativamente preservada. Por isso mesmo possui um papel estratégico para toda a humanidade. A Pan-Amazônia é composta por Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana,

Suriname, Venezuela e Guiana Francesa. É um território de valor imensurável pela riqueza de sua biodiversidade e pela força de resistência de povos nativos e organizações da sociedade civil que lutam por uma Amazônia sustentável, por um modelo de desenvolvimento que não seja neoliberal, depredador da natureza em troca do lucro rápido e do poder dominador.

Mais do que em qualquer outro FSM, neste os povos indígenas, os ecologistas e os defensores das lutas populares manifestaram sua indignação diante de um modelo de desenvolvimento que não respeita a natureza, a cultura e a história de grupos, etnias e povos. Passeatas, gritos de ordem e outras formas de protesto diziam da indignação diante de barragens, fábricas, agroindústrias e rodovias que desrespeitam as matas, os animais e os seres humanos em nome de um modelo de desenvolvimento que tem evidências de sua perversidade, de sua irracionalidade e de seu fracasso.

Participantes do Fórum Social Mundial

De cento e cinquenta países chegaram homens e mulheres de todas as raças e culturas, de todas as crenças e esperanças. Em torno de cem mil inscritos, pertencentes ou não às 5.680 organizações, circulavam pelos espaços das duas universidades onde se realizavam as atividades do Fórum, na cidade de Belém. Um grande número de jovens expressava, no seu jeito de ser e de se manifestar, sua contribuição no atual e no pretendido mundo futuro. Suas reivindicações e seus protestos, sua indignação diante das injustiças e sua disposição de contribuir revelam o desejo de vivenciar outra política, outra Igreja, outra sociedade que seja mais democrática, mais igualitária e mais livre.

Neste Fórum a presença, as manifestações e os debates em torno da realidade indígena foram bem mais expressivos que nos Fóruns anteriores. Numa das falas de um grupo do Norte, seu representante dizia que não deixariam acontecer por lá o que aconteceu no Sul do Brasil, onde o latifúndio e os brancos tomaram as terras dos “parentes”.

A diversidade expressa nas falas, nas vestes, nas danças, nos gestos e nas cores proclamavam a beleza de um mundo que se gesta na pluralidade. Outro mundo possível só se transformará em realidade quando cada um se sentir e se fizer construtor de novas relações. E o FSM é um ensaio ou um laboratório onde se experimenta a real possibilidade de um outro mundo com toda a beleza e a complexidade de novas relações interpessoais, sociais, econômicas e políticas.

Por onde passa um outro mundo possível?

Ao mesmo tempo que, em Belém, se realizava o FSM, em Davos, na Suíça, se realizava o Fórum Econômico Mundial. A crise econômico-financeira e ambiental se tornou a grande referência para os dois Fóruns. Um dos idealizadores do FSM dizia: “Quando começamos, o lema era ‘outro mundo é possível’. Hoje, outro mundo é urgente. Em Davos, pode ser o primeiro Fórum em que o capitalismo é amplamente considerado um fracasso, em vez de algo a ser admirado”. E o fundador e presidente do Fórum Econômico Mundial expressou na abertura: “Era conveniente, politicamente, achar que o mundo poderia continuar crescendo de forma insustentável e que tudo continuaria igual”.

Os dois Fóruns analisaram a crise. Crise de um modelo econômico que esgotou a capacidade de responder às exigências que ele mesmo criou. Nos dois, há diferenças na compreensão e nas alternativas consideradas necessárias para sair da crise. Injetar finanças no sistema é alimentá-lo, na tentativa de recuperar suas energias, na tentativa de salvar o capitalismo. No FSM fica evidente que as mudanças precisam acontecer no âmbito da economia e da política e isso só é possível passando por mudanças culturais. Se não houver mudanças nas formas de consumo, não se mudará a forma de produção e vice-versa. Nesse sentido, a economia solidária se apresentava neste FSM com uma contribuição teórica, mas, acima de tudo, na diversidade de expressões práticas. Expressões que se firmam na produção e gestão coletiva, respeitando o meio ambiente, a cultura local e a autossus-

tentação. Isso só será possível quando, junto com a produção solidária, forem construídas pessoas solidárias, justas e ecológicas. Outro mundo será possível se houver mudanças na forma de produzir, de consumir e de viver.

E a Vida Religiosa Consagrada nisso tudo?

Havia um grupo bem significativo de religiosas e religiosos representando serviços e instituições, ou acompanhando grupos de leigos. A própria CRB estava com um estande, a partir de onde estabelecia relações com os que transitavam pelos espaços do Fórum, acolhia as(os) que se identificavam como VRC e mostrava sua cara ao mundo. A Tenda das Pastorais Sociais, assumida pela CNBB, pelos temas lá tratados e pelas reflexões partilhadas, agregou muita gente e deu uma contribuição, própria de sua identidade eclesial, ao FSM. Numa das atividades se ouvia: “A luta pela defesa dos direitos humanos é parte integrante do Evangelho. Que os religiosos possam estudar direito para defender os pobres e denunciar os opressores, para serem juízes íntegros, para serem delegados humanos”.

Andando e participando das conferências e atividades o mais diversas possível durante os cinco dias de Fórum, e retomando a experiência, ficam interrogações e desafios. Que outra Vida Religiosa Consagrada é possível? Será que vale aqui também o “é possível se a gente quiser, se a gente fizer”? Certamente não se coloca em dúvida a importância e a real possibilidade da existência da VRC nesse outro mundo possível. Porém a impregnação de uma cultura neoliberal nas entranhas de nossa VRC exige que passemos por transformações que atinjam nossas estruturas, nossos serviços e nossas formas de viver. É hora de buscar a radicalidade do seguimento de Jesus na defesa, na organização e no engajamento nas lutas pelo direito dos oprimidos, na denúncia de todas as formas de opressão, de discriminação, de dominação e desrespeito da pessoa humana e da natureza. Não bastam reformas. Precisamos assumir uma maneira de ser e realizar serviços que criem uma nova cultura, uma nova civilização.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que conhecemos sobre a dinâmica e os assuntos tratados nos Fóruns Sociais Mundiais?
2. Acreditamos, realmente, que um outro mundo é possível? Como nos envolvemos nesta causa?
3. Temos consciência da importância de nossa militância nas ações por um mundo melhor?

TEA FRIGERIO, MMX*

Vida de votos

Um texto inspirador: Mq 6,6-8

No sentido comunitário da vida, os votos não são privilegiados, mas uma necessidade histórica. Em Mq 6,6-8, encontramos palavras inspiradoras que respondem a uma interrogação e que são palavras luminosas para perceber que a vida de votos não é exclusividade da Vida Religiosa, mas um estilo de vida:

“Como irei ao encontro do Senhor?

Com inclinar-me diante do Deus altíssimo?

[...]

Já te foi indicado, ó homem, o que é bom,

o que o Senhor exige de ti.

É só praticar o direito, amar a

misericórdia

e caminhar humildemente com teu Deus”

O fiel se interroga como se apresentar na frente de Deus, já que qualquer oferta parece inadequada, mas o Senhor lhe indica o caminho que lhe agrada:

- Praticar o direito, a justiça = pobreza.
- Gostar do amor. Amar com ternura = castidade.
- Caminhar humildemente com teu Deus = obediência.

* **Tea Frigerio** é missionária de Maria-Xaveriana. Formada em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, e pós-graduada em Assessoria Bíblica pelo DABAR (CEBI – EST). Atualmente, coordena o Programa de Formação Nacional. Desenvolveu tais atividades morando nas periferias de Belém, numa comunidade inserida desde 1986. **Endereço da autora:** Rua Veiga Cabral, 447, Cidade Velha, CEP 66023-630, Belém-PA. Tel.: (91) 3225.0699. E-mail: t_frigerio@hotmail.com.

Os votos se tornam um estilo de vida que une e não que cria separações, grupos seletos. Querem convocar e construir um estilo de vida harmonioso, que nos liberta e liberta a história.

Ao olharmos para Jesus, percebemos que ele aponta para um estilo de vida centrado nas relações e numa nova responsabilidade que nos faz mergulhar dentro da história para compartilhar o sonho de Deus (Hb 1,1-2).

Deus sonhou e sonha. Qual é seu sonho? Ao olharmos para o sonho de Deus, percebemos que:

- A economia de Deus não se baseia no acúmulo nem na mesquinhez e sim na abundância e no desperdício. Deus não ama a pobreza. Parece que ele não sabe somar, dividir, contar, pois esbanja seus dons no universo. Nenhuma cultura afirma que a pobreza é bela. Belo é colocar em círculo os bens, as ideias, as energias positivas, nossos corpos, nossa vida, comer o mesmo pão, para não existir o supérfluo.
- “Deus misericordioso e clemente, paciente, rico em bondade e fiel” (Ex 34,6). O amor de Deus se expressa pela compaixão, pela piedade, pelo amor e pela fidelidade, é seu jeito de se relacionar conosco. A castidade, então, não deve ser carregada de sentido moralístico ou centrada unicamente na sexualidade, mas no desejo de criar relações novas ternas e amorosas.
- A obediência vem do verbo latim *ab-audire*, que significa escutar intensamente para responder. “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra” (Jo 4,34). Estar à escuta, entrar em sintonia, assumir e retomar a iniciativa de realizar o sonho de Deus, para obedecer à vida.
- Em Mc 8,27-29, encontramos a pergunta verdadeira. Jesus interroga os discípulos sobre o que o povo diz sobre ele. Depois lhes pergunta quem dizem que ele é. “E vós, quem dizeis que sou?” “Vós” indica assumir pessoalmente, em primeira pessoa, sem delegar. Lc 10,21 nos

diz que Jesus é obediente porque olha, escuta, reconhece aquilo que Deus nos revelou nos(as) outros(as).

Vida Religiosa: um chamado à liminaridade

Continuamos a conversa a partir de uma afirmação: a espiritualidade é mais antiga do que a religião. Esta afirmação nos leva a fazer algumas constatações:

- A espiritualidade como busca de significado e sentido da vida que orienta a humanidade e define o ser humano tem mais de 70 mil anos. A religião existe escassamente há 4.500 anos.
- As religiões clássicas — Hinduísmo, Judaísmo, Budismo, Cristianismo — surgiram nas civilizações clássicas entre 3.500 a.C. e 1.500 anos d.C.
- Nos últimos vinte anos tem havido uma busca intensa de espiritualidade, enquanto as religiões clássicas parecem se deteriorar. As religiões, com suas formas, jogos e armadilhas, às vezes se tornaram um obstáculo à busca de espiritualidade.
- A “Vida Religiosa”, os votos têm vínculos com valores que podem orientar e *re-significar* o sentido da vida do ser humano.
- Este modo de vida de diversas maneiras está presente em todas as religiões, adaptando-se ao contexto sociocultural e mantendo algumas características, tais como: vida simples e austera, oração e devoção, empenho apostólico com os pobres e marginalizados.
- Paradoxalmente, a “Vida Religiosa”, para existir, não precisa da religião nem da Igreja Católica.
- Pela reflexão feita anteriormente, podemos dizer que a Vida Religiosa é uma vocação liminar.

Comunidades liminares

Como a Antropologia define comunidades liminares? Continuemos a reflexão a partir de uma possível definição.

“Liminar é um espaço social ambíguo e sagrado no qual uma pessoa ou um grupo é separado por um tempo das estruturas normais da sociedade.”

A definição subentende algumas ideias:

- As comunidades, as pessoas liminares clareiam as estruturas existentes e ao mesmo tempo provocam mudanças.
- As sociedades tendem a se estruturar, a se esclerosar nos dogmas, na tradição, nas leis, nos códigos, nos costumes...
- Cada sociedade gera comunidades liminares, ou pessoas. Inconscientemente, uma sociedade separa alguns indivíduos ou grupos e os considera dentro de um especial sistema de valores. São projetados nelas os valores que se estão perdendo, as esperanças e sonhos. As sociedades ou grupos necessitam de “alguém” que encarne os ideais em que acreditam e que consideram sagrados, e através deles *re-articular* valores que são considerados arquétipos e que parecem perdidos ou esquecidos.
- As sociedades precisam dessas comunidades, dessas pessoas, mas ambigualmente podem achá-las irrelevantes e até persegui-las, pois elas criticam e apontam transformações.
- Este processo é uma busca criativa que quer responder às necessidades contemporâneas e ao mesmo tempo alimentar uma nova visão de futuro.
- A Vida Religiosa é um chamado, é uma vocação à liminaridade. Um chamado a oferecer uma imagem especular, na qual as pessoas possam se refletir e reconhecer suas buscas, lutas e esperanças de uma existência mais significativa. A sociedade humana necessita de uma “vida de votos”, mas de uma forma que desafie e inspire o contexto de cada época a recuperar valores arquétipos perdidos.
- Carl Jung afirma que, quando os símbolos decaem o inconsciente coletivo como vulcões em erupção, geram novos arquétipos, pois estes estão inscritos de modo indelével na consciência coletiva. Os valores arquetípicos estão ligados ao *sagrado*, ao *cosmo*, à *terra*, a *outros seres*

humanos em termos de sexualidade afetiva, a outros seres humanos em termos de companheirismo e cooperação.

- A recuperação desses valores acontece, na maioria das vezes, fora das instituições religiosas, no limite da estrutura social. As pessoas encontram criativamente seus caminhos para recuperar o que está em perigo de ser perdido para sempre.
- As(os) que são chamadas(os) a uma “vida de votos”, a uma “vocação à liminaridade”, são as(os) depositárias(os) de uma voca o que não pertence somente às religiões, pertence   humanidade, inclusive de quem diz não ter f .
- Constatamos que a Vida Religiosa perdeu contato com sua voca o liminar, pois ao longo da história foi domesticada. Então, surge a interroga o: qual   o desafio liminar para os nossos tempos?
- A liminaridade   crescimento,   risco a ser vivido, por isso exige criatividade, flexibilidade, fluidez e coragem para entregar-se ao caos. Entregar-nos ao caos   a coragem de embaralhar as coisas e começar do princípio. Como em Gn 1,1-2, o caos   o princípio da cria o. Voltar ao caos para recriar, irradiar e intensificar determinados valores a serviço da humanidade.
- Ao restringir a Vida Religiosa   religião e ao colocá-la no contexto da Igreja formal e institucional, tra mos nossa voca o, violamos sua essência e seu alcance global e cultural. Somos uma espécie em extin o, há muito a recuperar para nos convertermos. Isso   urgente!

A partir dessas premissas, vamos aprofundar:

Re-nomear os votos

Como vimos anteriormente, os votos são características que definem a “Vida Religiosa”, mas não na sua inspira o inicial; os votos surgem mais tarde. Hoje, porém, são como a carteira de identidade da “Vida Religiosa”.   luz das intu es que estão no nascedouro da Vida Religiosa, vamos refletir se   possível redefinir e *re-nomear* os votos e, assim, recuperar nosso chamado a sermos comunidades liminares.

O voto de celibato. Castidade: voto de relacionalidade.**Gostar do amor. Amar com ternura**

A dimensão celibatária está presente em todas as religiões e em geral representa uma visão violenta e negativa da sexualidade, da corporalidade. Por que isso? Com o patriarcalismo, a sexualidade passou a representar o mundo das paixões: a dicotomia entre o corpo e a alma; o corpo é entendido como matéria, então está propenso ao pecado; o prazer e a alegria são assuntos que não pertencem à esfera do divino, da união com o divino; desta visão nascem relações violentas, sacrificais consigo mesma(o) e com as(os) outras(os); tudo isso é parte de uma visão patriarcal que nega o corpo e, conseqüentemente, produz relações violentas, em particular sobre a mulher.

A hermenêutica feminista da suspeita levou a formular esta hipótese: a religião formal é uma invenção humana e não divina, pois ela se baseia em pressupostos violentos.

Verificamos que:

- O ser humano é um ser sexual. A sexualidade é essencial à nossa identidade, enquanto pela religião somos orientadas(os) a ser assexuadas(os).
- A imagem de Deus ligada ao surgimento do patriarcado é assexuada, incorpórea, em função de implantar um Deus Pai, masculino, que necessitou negar a Deusa Mãe, feminina. Foi negada para poder controlar a mulher e suas energias exuberantes, ligadas à natureza e, muitas vezes, incompreendidas.
- A sexualidade está ligada ao mundo das emoções, sentimentos, coração, enquanto no Cristianismo prevaleceu o racionalismo. O mundo do sentir, que se expressa nas formas de dança, arte, movimento, foi negado nas celebrações, enquanto foi salientando o racional e o estático.
- A sexualidade é uma energia psíquica que busca sua expressão no criativo e no erótico. Ao ser reprimida, torna-se autodestrutiva e antagônica, assumindo formas expiatórias, sacrificais, abusivas e, ao mesmo tempo, pode levar ao seu uso desenfreado.

Nos últimos anos aconteceu uma revolução sexual. As pessoas passaram a redescobrir o valor do erótico, mas também o erótico se tornou pornografia, e tal abuso desenfreado resultou na permissividade, na promiscuidade, no hedonismo.

Há questões a ser refletidas e/ou superadas:

- Como desestruturar termos patriarcais como heterossexual, homossexual, bissexual etc.?
- Como a suspeita secreta de que o sexo e o prazer, *re-nomeados*, podem ser caminhos possíveis para chegar a Deus?
- Como o câmbio evolutivo do entendimento da sexualidade humana desafia a vocação liminar vivida no chamado ao celibato consagrado?

Neste contexto, poderíamos *re-nomear* o *voto de celibato como voto de relacionalidade*. Biológica, psicológica e espiritualmente não podemos tornar-nos assexuadas(os). O testemunho que vai tornar crível a “Vida Religiosa” é responder à nossa vocação liminar. Esse testemunho se tornará um sinal contracultural, e de grande valor espiritual. Assim refletido, o voto de relacionalidade requer, sobretudo, a capacidade de se relacionar com calor humano, amor, ternura e carinho.

Numa sociedade que apresenta modelos de relações superficiais, relações violentas entre pessoas, povos e religiões, na política e no trabalho, relações arrogantes, o voto de relacionalidade se torna uma contraproposta cultural e espiritual. Relações que superam os aspectos negativos, sacrificais do ser célibe, ser casto. Relações que superam a superficialidade, o abuso desenfreado, a permissividade, a promiscuidade e o hedonismo. Relações que, a partir da sacralidade da vida, tecem relações profundamente amorosas, ternas e misericordiosas com as pessoas e com o universo.

Castidade: uma sede

Em todas as pessoas se esconde uma sede profunda que acompanha a vida, o corpo, os afetos, inspiram escolhas e nos tornam inquietas(os). Toda a história bíblica nos fala

de homens e mulheres que amaram, e o amor é um fio que perpassa todo o texto bíblico, o mandamento principal: a saudade de Deus. O que chamamos de voto de castidade é a sede inquieta que a humanidade tem: o sonho de recuperar todos os fragmentos da história que fazem intuir que são possíveis relações novas.

No início não se falava em castidade como característica da Vida Religiosa, pois se pensava que cada amor, para ser verdadeiro amor, devia ser casto. A "Vida Religiosa" vivia um amor continente como expressão de um modo de viver a sexualidade. Temos de recuperar os fios que pertencem à humanidade: o sonho de viver amores castos. Relações em que a dignidade floresce, nas quais a identidade se define na relação de amor. Relações em que se cultiva a vida.

Quando se começou a usar este termo, ele veio carregado do dualismo que estava golpeando a espiritualidade. Considerou-se casta a pessoa que não exercitava as suas energias biofísicas e afetivas através da sexualidade. Todas as expressões que o ser humano tem para manifestar o amor afetiva e corporalmente foram aos poucos vistas como más, perigosas, por isso eliminadas. Hoje sentimos que a maneira com que vivemos este voto deixa um vazio profundo no íntimo e nas relações, e que não recolhe o que queremos verdadeiramente testemunhar quando expressamos a inquietude, o sonho de relações diferentes. Este sonho acompanha os vários âmbitos da pessoa. Âmbito nos quais se entrelaçam histórias pessoais e coletivas: interpessoais, socioeconômicas e políticas, como também interculturais, ecumênicas, ecológicas...

A castidade não se joga somente na relação homem/mulher, mas em todas as relações que pertencem à vida. Quando a professamos, professamos pela vida afora, queremos aprender a amar. Para superar a ruptura apresentada no Gênesis, ruptura que se expressa na desconfiança recíproca (Gn 3,8-13). Para recuperar a antiga vocação de cuidar e cultivar o jardim da criação, do universo, da humanidade. Cuidar e cultivar são os verbos da castidade. Cultivar o nosso ser, o ser de cada pessoa, para assumir iniciativas de

amor na história. Cuidar significa amar com ternura, pois a realidade é como um tesouro em vaso de argila.

O hino aos Filipenses 2,5-11 nos revela que a *kénosis* não é uma espoliação heroica: Jesus Cristo se esvaziou para encontrar. Ele se esvaziou para vir ao nosso encontro. Do próprio Cristo aprendemos uma outra definição da castidade: esvaziar-se para nos tornar sensíveis ao encontro. Não somente sensíveis às pessoas, mas a toda realidade humana e do universo. Na “Vida Religiosa” e na Igreja existem mentalidades pouco castas em referência ao mundo, pois seu olhar é muito negativo e parece que não pertencem à história. Falam como se estivessem fora da história; são escritos documentos oficiais ou esboços de doutrinas que não levam em consideração a fragilidade humana. Este olhar demonstra que ainda não há amor. Esta história que se move no sangue, para continuar a viver, para Deus é bonita e aí dentro há a semente para renascer. Esta é a mentalidade casta de Deus.

O amor casto supera a náusea da desconfiança, da diversidade, das situações de estranheza que à(ao) outra(o) podem suscitar. É não ter medo de tocar os corpos e ao mesmo tempo respeitar profundamente os corpos. Uma mentalidade casta precisa ser cultivada. É o voto comunitário da alteridade, da sede que nos solicita e nos inunda ao mesmo tempo. Não se vive a castidade sozinhas(os), ela pode ser vivida unicamente na alteridade e reciprocidade.

O voto de pobreza. Voto de mútua sustentabilidade.

Praticar o direito, a justiça

O voto de pobreza nos coloca em relação com o universo e os seres humanos. Ele nos convida a percorrer o caminho de devolver a nós mesmas(os) a “casa” e a nos perceber como criaturas planetárias e cósmicas. A esta “casa” devemos tudo o que somos. Somos a memória visível de um universo em processo. Somos parte de uma imensa rede inter-relacional. A terra não nos foi confiada para ser um objeto a ser explorado, mas para ser cuidada. É deste ventre primordial, que gerou e gera tudo o que existe, que fomos paridas(os).

Fritjof Capra, em seu livro *O ponto de mutação*, afirma com palavras proféticas: “A nova visão da realidade [...] baseia-se na consciência do estado de inter-relações e interdependência essencial de todos os fenômenos — físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Esta nova visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais”.

O pensamento ecológico que nasce desse pensador nos convida a pensar e viver a vida como uma rede de relações, rede que forma o ecossistema. Pensamento ecológico que é parte da elaboração de novos paradigmas de pensamento. Entre esses novos paradigmas está a “Vida Religiosa” como chamada à liminaridade da mútua sustentabilidade.

Hoje, é certo que os dois relatos do Gênesis são reflexão de fé a partir de contextos existenciais de lugares e épocas diferentes. Nós, cristãos, reconhecemos, e disto é preciso pedir perdão, que esses textos, sobretudo Gn 1,26-28, foram lidos e interpretados para legitimar e construção de uma mitologia do poder, da dominação e da exploração indiscriminada sobre a natureza na civilização ocidental.

Gn 1 e 2, embora escritos em épocas diferentes (séculos VI e X), chegam-nos como se fosse um continuidade do outro. Isso aponta para a necessidade de uma leitura própria para cada texto, mas também para a necessidade de perceber que um é o complemento do outro, um esclarece o outro. Então, se Gn 1,28 traz os verbos *kabash* = pisar na terra, subjugar, e *radah* = dominar, por sua vez Gn 2,15 nos fala que o ser humano deve cultivar = *'abad* e guardar o solo = *shamar*. A vocação do ser humano, então, é de cuidar e de cultivar a criação.

Parafraseando Abraham Heschel, podemos dizer:

Não se pode construir outra imagem do Todo-Poderoso além desta: nossa própria vida como representação de sua vontade. Homem e mulher, criados à sua imagem, devem imitar sua misericórdia. Ele delegou à humanidade o poder de agir em seu lugar. Somos seus representantes quando aliviemos o sofrimento e trazemos alegria.

O Todo-Amoroso nos criou à sua imagem e semelhança para sermos no universo a continuação de sua presença criadora e fecunda, para cultivar e cuidar da vida.

Re-nomear o voto de pobreza como voto de mútua sustentabilidade significa aprender de novo o que significa “estar em casa”. Casa a qual pertencemos, junto aos outros seres com os quais partilhamos a terra como lar, numa relação de interdependência que garante a vida.

Re-nomear nos interroga: como viver o voto de mútua sustentabilidade em situações em que a pobreza é o modo de vida? Em situações onde a injustiça prevalece? Onde os bens estão acumulados e a serviço de poucos? Onde as pessoas valem menos que o lucro? Em um universo abusado e violentado pela exploração indiscriminada?

O sonho de Deus é colocar em círculo os bens, a vida. O sistema piramidal não permite a circulação de bens e é a negação do sonho de Deus. Uma atitude profundamente eucarística é a circularidade, colocar em círculo os bens, a própria pessoa. É voto comunitário, é uma pedagogia que antecipa uma história diferente. Voto de mútua sustentabilidade que se torna voto de justiça, que não é somente uma questão econômica e sim empenho de vida de não trair o sonho de Deus.

Pobreza: uma saudade

O amor, a sede, a saudade passam através de nossos corpos, da realidade da nossa vida. Ser espirituais — passar da morte para a vida —, passar através do amor, pois somente assim nos tornamos críveis. É a Boa-Notícia anunciada aos pobres, a libertação aos presos, a vista aos cegos, a libertação dos oprimidos, o ano de graça revelado aos pequenos (cf. Lc 4,18s; 1Jo 3,14).

Neste sentido, falar de pobreza não significa unicamente falar em exclusividade de bens. Se falamos de bens, entendemos que estamos falando da economia de Deus. A pobreza, como os outros votos, se compreende somente aceitando a alteridade. É uma saudade que chega a nós de fora e nos leva para fora.

Não existe separação entre Deus e a história; este laço é mais forte do que podemos pensar. Podemos colocar a reflexão sobre a pobreza nesta dimensão: recuperar a relação entre Deus e a humanidade, pois o que está em jogo é a vida, as coisas, os bens, tudo o que faz parte das infinitas relações que a vida nos oferece.

Que sentido tem hoje professar este voto, no momento histórico em que vemos aparecer uma espiritualidade de mundo rico e que prega a teologia da prosperidade? O amor à pobreza surge numa época em que o Cristianismo aceitou privilégios e riquezas, tornando-se uma religião acomodada e ganhando imunidades e privilégios. Nasce, então, “irmã pobreza”, como escolha que leva a romper com os privilégios para não confundir o Evangelho com o poder.

Olhando para a América Latina e outros países, este voto assume um colorido diferente. Vivemos num continente empobrecido, que se move numa estranha relação entre dignidade, diversidade e exploração, injustiça, e assim, o termo assume outra força, outro colorido.

O início se dá no processo que leva a desmistificar o voto de pobreza. Despi-lo e libertá-lo da mística falsa que foi criada. Falar de pobreza em situações como as que vive a maioria dos países latino-americanos é ambíguo. A Vida Religiosa não chega a expressar esta intensidade. Na maioria das vezes este voto é ao redor dos bens: pobreza afetiva e efetiva, ter ou não ter bens; bens pessoais, bens da Congregação. Assim, por séculos, nossa partilha carregou este fardo. Mas ninguém quer ser pobre. Então, que significa professar pobreza? Intuímos que esta escolha não está relacionada com a pobreza, mas com uma economia diferente na história. É uma compreensão que dura ao longo de toda vida e que se cultiva deixando crescer a saudade e a sensibilidade. São escolhas que não podemos fazer sozinhas(os), mas em âmbito comunitário amplo, quer dizer: universal. Isso chama a atenção mais uma vez para o fato de a “Vida Religiosa” não poder ser um caminho fechado numa busca de coerência e perfeição individuais ou de grupos seletos, mas aberto para a inquietude humana de busca de um mun-

do novo possível, de uma história que recoloca no centro a vida.

O segundo passo será sair do nosso egocentrismo para reconhecer quem são as(os) nossas(os) companheiras(os) de caminho. A questão do voto de pobreza é uma questão de relação com, considerando que a vida é feita de teias de relações. Então, o voto nos recorda que a outra dimensão é a obediência à vida. Sua radicalidade não está nas privações, no inventar penitências, mas está no obedecer à vida, no caminhar humildemente com Deus, como diz Miqueias, sem abandonar o sonho de uma história diferente. O objetivo desta escolha não é aquela de ser pobre, mas que o mundo torne a viver o sonho de Deus, que é sonho de dignidade e de identidade.

Para sair da ambiguidade da pergunta ascética “como ser pobre?”, a pergunta deve ser reformulada: “Como ser profundamente amantes deste projeto de Deus, que não sonhava a pobreza, mas a circulação dos bens? Qual a relação entre pobreza e sobriedade? Onde e com quem apreender a viver este voto? Quais as(os) nossas(os) companheiras(os) de busca?”.

Por isso, Jesus canta com muita saudade as bem-aventuranças, como um cântico de amor para o povo. Ele procura amigos e amigas que partilhem o sonho divino de uma economia diferente. Este voto faz parte de uma busca maior: a pobreza, como a castidade, nos orienta para o encontro e a reconstrução das relações. É um voto que nos torna inquietas(os) e andarilhas(os), buscando companheiras(os), amigas(os) de viagem.

Podemos recuperar os verbos cuidar e cultivar: cultivar nos dá força para tomar iniciativas de amor profundo na realidade; cuidar se torna amar com ternura e defender os delicados equilíbrios da vida. Amor que podemos aprender a ter no contato com a Palavra. Ajuda-nos a levar em conta os equilíbrios deste mundo feito de terra, de ar, de plantas, de animais, de coisas muito precárias e delicadas. Reconhecer que vivemos esta precariedade e recordá-la. Por isso, em memória delas, fazer a nossa escolha.

O voto de obediência. Voto de mútua colaboração.***Caminhar humildemente com teu Deus***

Ao continuar a conversa, queremos afirmar e aprofundar a crença de que a humanidade é uma espécie relacional, altruísta e não-agressiva. O patriarcado introjetou a ideia que o ser humano é violento, agressivo, daí o olhar negativo sobre a pessoa humana. Essas ideias são reforçadas pelo dualismo, pelo individualismo. O resultado dessa filosofia violenta coloca-nos hoje diante de uma triste realidade: nossa capacidade de destruição e a ameaça da extinção da natureza e de nossa própria espécie. O patriarcado nos vê como indivíduos independentes e competitivos, capazes de chegar ao transcendente, a Deus, sozinhas(os).

O voto de obediência nos coloca na relação responsável com a vida: falar a vida, escutar a vida, assumir a vida. Obediência = *ab-audire*, escutar intensamente. Escuta de cada manhã, fidelidade cotidiana de busca (Is 50,4-5).

A escuta como obediência é exigência atual da história. História que é roubada aos povos, e lhes é roubada a obediência à vida. Sempre mais é roubado o direito à escuta, à iniciativa, ao discernir e responder, a tomar decisões. Cresce e se alastra a delegação, a passividade, a busca de segurança fora de si e em falsas promessas. O termo democracia nos interroga e questiona o poder de conhecer e de decidir.

Jesus pergunta: “Quem dizem as pessoas que eu sou? [...] E vós, quem dizeis que eu sou?” (cf. Mc 8,27-29). Essa pergunta é pergunta que interpela a pessoa, que aponta à obediência: tu, quem dizes? A Igreja não educa para a autonomia. Quer-nos passivas(os), mantidas(os) na infantilidade, nega-nos o direito da consciência, e alimenta o desejo de certezas e seguranças.

Jesus exclama: “Eu te louvo, Pai, [...] porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos” (Lc 10,21). A autoridade é serviço, é caminho de reconhecimento da revelação do Pai, nas outras e nos outros. Acorda a dimensão comunitária da vida.

Re-nomear o voto de obediência como voto de mútua colaboração significa acreditar que nós, seres humanos, somos sempre a soma de nossas relações. Cada uma(um) de nós é uma matriz relacional, e nisso reside nossa verdadeira identidade espiritual. O chamado à mútua colaboração é um chamado a uma nova forma de participação global. Envolve-nos nas perguntas maiores e mais atrativas pertinentes à família humana no tempo e em suas culturas. A vocação liminar pede uma mudança global da consciência. É uma nova forma de ver e perceber a história que gerará novas atitudes, nova ação.

Obediência: o amor

A obediência não tem nada a ver com uma atitude passiva, como às vezes pensamos ou tentamos viver. Trata-se de reorientar cada dia nossa vida em relação às(aos) outras(os) diante da história. “Toda manhã ele desperta meus ouvidos para que, como bom discípulo, eu preste atenção. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não fiquei revoltado, para trás não andei” (Is 50,4-5). Ser discípula(o) que a cada manhã fielmente abre os ouvidos à Palavra do Senhor, à Palavra que o Senhor pronuncia na história. O ritmo de caminhar humildemente é o tempo que o indica, cada manhã, cada momento de nossa vida. Mais uma vez somos desafiadas(os) a rever nossa relação com a vida, a nos perguntar: permanecemos ou passamos? Honramos a vida de verdade?

A partir disso percebemos que a obediência é uma maneira de estar na história, e nos reporta à cotidianidade, cada manhã. Não somente uma voz que chega aos nossos ouvidos, mas uma voz que nos acorda: escuto atentamente e aprendo a dar respostas? Professar este voto e se interrogar: estou percorrendo o caminho do discipulado? Caminho bonito, porque nele o Senhor nos devolve a capacidade de escutar e responder, de retomar a palavra. Todas(os) acalentamos o sonho de participar e tomar iniciativa na história. Neste sentido, a escuta nos restitui a palavra. O voto de obediência acompanha, é como a síntese dos outros dois,

pois nele redescobrimos a nossa capacidade de estar e de dar resposta à vida.

Br 3,12-16.33-35 é um texto muito eloquente; nele vemos que toda a criação é chamada a viver a liberdade como identidade, dando respostas e participando. As estrelas, todas as criaturas devem responder ao chamado de Deus. O “estou aqui” é um chamado, uma vocação, não para ser vivido de modo voluntarista ou heróico. Deus não precisa de soldados, mas de pessoas amantes, que respondem ao amor com atitude de amor. Este voto é muito importante para refundação.

Na práxis de Jesus encontramos uma constante provocação à obediência. Ele pede iniciativas e o Evangelho de Marcos nesse sentido é forte: Jesus não realiza nenhum milagre sem ter alguém que o alimente com a sua coragem. Quando não encontra a inquietude que faz progredir o Reino, não realiza nenhum milagre (Mc 6,5).

Jesus nos ensina com profunda coragem que a obediência chega até à desobediência diante de quem não gera vida em abundância. Ele tem grande capacidade de reconhecer a obediência e a coragem nas(os) outras(os). Somente ele reconhece a coragem da hemorroíssa, do cego que grita na beira do caminho, aquela de Zaqueu, das mulheres ao pé da cruz e perto do sepulcro...

Ele não somente responde a essa coragem como alimenta em nós a coragem de estar na história como protagonistas e a possibilidade de retomar a palavra. A obediência cultiva o espírito de iniciativa. Professar este voto significa proclamar nossa responsabilidade com a história e a comunidade com a qual compartilhamos o carisma. Este é o movimento harmonioso da obediência: escutar intensamente para descobrir a direção a percorrer.

Quando os profetas individualizam o caminho, somente o indicam. A obediência, neste jogo de escuta e visão, deve ter o olhar que vai além, sempre mais além, para entrever o passo seguinte. Depois do Concílio Vaticano II, muitas vezes se reduziu a obediência a diálogo interpessoal, mas não é

somente isso; a obediência como diálogo é reconhecer que há um sonho maior, mais amplo, comunitário e universal.

A obediência é acompanhada da profunda inquietude da busca, como as mulheres após a morte de Jesus, nas primeiras horas da manhã... Elas são a mais bela expressão de obediência. Inquietas vão, nelas sentimos a presença da responsabilidade com a história.

A obediência não é ser cegas(os), como às vezes pensamos, mas é a inteligência da fê: capacidade de *intus-legere*, ler dentro e a partir de dentro, quer dizer: aprender a ler junto com as(os) outras(os), para se ajudar a ver e compreender. A obediência nasce de baixo, estando junto às(aos) outras(os) (Lc 10,21), é sabedoria que se cultiva entre buscas, anseios, correção, fracassos e lutas. Por isso nos convida a caminhar humildemente com Deus.

Como diz o poeta: “Ninguém pode calar o sonho: é verdadeiramente proibido proibir”.

Recolhendo os fios

Como a tecelã que, ao concluir sua obra, recolhe os fios e os remata, vamos também nós tentar fazer isso:

- *Religiosidade da vida*: resgatar a religiosidade da vida, como vocação e chamado de cada cristã(ão), cada ser humano. A “Vida Religiosa” não é vida de um grupo à parte, de uma elite, mas uma opção de vida alternativa dentro da realidade, para o povo, a maioria.
- *O tempo*: fio que nos ajuda a ler a nossa realidade e nos indica a atitude de estar na história.
- Junto ao fio do tempo encontramos o fio das perguntas que nos fazem sair do moralismo e entrar na lógica e Paixão de Deus. Como nos diz Paulo na Carta aos Romanos 8,18-27, os gemidos da criação, da humanidade, do Espírito, se unem neste anseio profundo de transformar o mundo, a história. Não estamos sozinhas(os),

estamos em comunidade entre nós, com a humanidade, com a criação, com o Espírito, num grande mutirão para sustentar este gemido, este grito silencioso por vida em plenitude.

- *O sonho de Deus de fazer casa, presente de modo forte no Evangelho de João (14,23):* é sombra feminina do discípulo, pois suas atitudes são femininas e indicam um novo modo de ser masculino. A Palavra colocou sua tenda, sua moradia entre nós (Jo 1,18). Palavras que nos revelam nossa vocação mais profunda, como humanidade e criação: tornar-nos casa. O acreditar da comunidade joanina apresenta Jesus apontando para a casa: “Onde moras?”. “Vinde e vede.” Seus gestos são gestos ligados à casa: água, pão, estar e sentar no meio da multidão, lavar os pés, o mandamento do amor: tudo é fazer casa, é circularidade. Não nos diz: sejais perfeitas(os), mas amai-vos... “Se alguém me ama, [...] viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23). Vem entre nós para nos encontrar, para, juntos, fazer casa, criar em nós a mentalidade de ser casa. Casa eucarística onde é vivida a comunhão trinitária, a circularidade das pessoas, dos bens, da vida.
- *Os votos:* votos não como chamado privilegiado de uns, mas como algo a ser oferecido a todas(os), em viver relações novas que mudam a história. Votos como chamado à liminariedade, pois a humanidade necessita de uma vida de votos.

Começo de conversa...

Começo de conversa... Convite a continuar a conversa na circularidade. Este é somente um início de conversa. Conversa começada na inquietude, na busca de horizontes, no ir além... Conversa feita na escuta, na leitura, na pesquisa, na reflexão, na troca e partilha de sonhos e pensamentos...

Conversa partilhada em encontros da CRB, das Comunidades inseridas, das irmãs da minha família missionária... Conversa que aos poucos fui colocando no papel para continuar a conversa, debater, questionar e, assim, enriquecê-la, e juntas(os) encontrar o caminho para *re-significar* a vida de votos para a história presente.

Um texto que foi nascendo aos poucos, como um jardim que vai adquirindo plantas, flores, não numa ordem estabelecida, mas pela beleza, pelo perfume. Olhando, pode-se ter a impressão de confusão, mas é um jardim que convida à paz, renova as energias, onde é gostoso ficar, mas que convida a sair e a recriá-lo.

Houve encontros, leituras, interrogações, solicitações que provocaram o escrito, e ele foi crescendo, mas não está concluído, a vida não permite isso. Texto que não é só meu e de muitas(os) companheiras(os) de viagem, é também seu, se esta reflexão a(o) provocar e fizer surgir o desejo de aprofundar, levar adiante...

Bibliografia

As leituras com que mais me senti em sintonia e provocaram o escrito foram:

AA.VV. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. São Paulo: CRB/Paulinas, 2005.

CONSPIRANDO – Revista Latino-Americana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología 31, Santiago, marzo 2000.

POTENTE Antonietta. *La religiosità della vita*. Roma: Icone Edizioni, 2003.

_____; GÓMEZ Giselle. *Non é tempo di trattare con Dio affari di poco conto*. Pratovecchio, Arezzo: Fraternità di Romena Onlus, [s. d.].

**Questões para ajudar a leitura
individual ou o debate em comunidade**

1. Como *re-nomear* a revolução sexual e destampar o frasco do perfume, dando significação cultural e espiritual a essa revolução?
2. Como lançar o desafio de uma vida pobre, sóbria, caminho para salvar o universo, a vida humana?
3. A globalização rouba aos povos a história, a palavra, o poder de decisão, a obediência à vida. Como esta realidade desafia o voto de obediência?
4. Como podemos nos ajudar a tocar essas realidades, assumi-las e saná-las?

LUCIA WEILER, IDP*

Evangelho é Boa-Notícia. E queremos refletir sobre a Boa-Notícia da não violência encarnada, anunciada e vivida na prática por Jesus de Nazaré. Assim, já mergulhamos no âmago da tensão que o tema propõe. Pode haver um Evangelho da violência? Teoricamente, não. Entretanto, na prática cotidiana, vemos muitas cenas violentas, desde a violência simbólica, e a virtual, até a violência real e histórica. Fica sempre a grande pergunta pelo tipo de morte de Jesus: por que a prática não violenta de Jesus o levou a uma morte tão violenta? Neste sentido, o Evangelho vem mais uma vez na contramão.

Diante do quadro da violência no mundo atual, com seus mais diversos rostos, camuflados ou visíveis, somos desafiadas(os) a viver a radicalidade do Evangelho da não violência. Daí brota uma pergunta articuladora de nossa breve reflexão: como romper com as lógicas da violência presentes em nossa cotidianidade e assumir na prática de nossas atitudes e posturas a lógica da misericórdia, da paz e do amor?

Nossa abordagem organiza-se a partir dos seguintes passos:

- Os múltiplos rostos de violência ontem e hoje.
- Violência pode gerar resistência e solidariedade.
- Jesus rompe com a lógica da violência e anuncia o Evangelho da não violência.
- Mulheres solidárias caminham com Jesus até a cruz e testemunham a Ressurreição.

* **Lucia Weiler** é irmã da Divina Providência, doutora em Teologia Bíblica pela PUC-Rio, membro do Conselho Nacional do CEBI e membro da Equipe de Reflexão Teológica da CLAR. Vice-diretora e professora da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana de Porto Alegre, RS. **Endereço da autora:** Rua São Luís, 1131, apto. 303-304, Santana, CEP 90620-170, Porto Alegre-RS. E-mails: lucia@estef.edu.br e lucia_weiler@yahoo.com.br.

- Desafios e perspectivas práticas para nosso seguimento de Jesus.

Sem nenhuma expectativa, nem pretensão de tratar exaustivamente este vasto e complexo tema, queremos somente colaborar com algumas provocações que podem ajudar nossos diálogos e no aprofundamento do tema da Campanha da Fraternidade neste ano de 2009.

Os múltiplos rostos de violência ontem e hoje

É conhecido o ditado: “Violência gera violência”. E parece que a história social carrega um pesado fardo que se transmite de geração em geração: a herança, uma verdadeira espiral, ou círculo vicioso, de violência.¹ Quando tomamos consciência de cenas de barbárie e violência atuais, muitas vezes justificamos e nos consolamos afirmando que sempre foi assim e em alguns momentos da história foi ainda pior. Não podemos falar dos múltiplos rostos da violência de modo pacífico ou neutro, porque toda forma de violência degrada a humanidade.²

Antes de entrar propriamente na reflexão sobre esta temática complexa, é preciso fazer uma aproximação conceitual. Muito importante, segundo o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, seria libertar o conceito “violência” da carga negativa e brutal que pesa sobre a mesma:

Nossa linguagem se converteu em grande medida em refém dos meios de comunicação que, ao estabelecer para certas palavras um determinado significado, de fato elimina outros. Isto é evidente na questão da violência. As imagens e as notícias associadas a elas têm uma carga negativa, de modo que o sentido comum só vê a violência como brutalidade. Se nos conformamos com essa visão, estaremos submetidos a uma definição muito limitada e, pior ainda, torcida do fenômeno.³

Uma desdramatização da violência pode ajudar-nos a ter mais liberdade e honestidade para reconhecer os vários rostos da violência, desde os mais velados até os mais escanca-

1. Ver texto-base da Campanha da Fraternidade 2009: CNBB. *Os discursos sobre a violência*. Brasília: Edições CNBB, 2009. pp. 38-41.

2. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. La violencia: presencia constante en la historia social. *Testimonio* 200 (nov./dic. 2003) 7.

3. *Ibid.*, p. 8.

rados.⁴ E isto não para assumirmos uma postura de indiferença, mas de maior comprometimento com a violência nas suas mais diversas formas de manifestação.

A violência é um fato social constitutivo das relações humanas, que geralmente implicam alguma forma de poder efetivo ou latente. Desse modo, podemos dizer que não há poder que não contemple pelo menos no horizonte uma certa dose de violência. Essa passa por combinação e consensos nas várias instâncias: a) político – o poder do Estado, única instância legitimamente autorizada a usar a violência da polícia e das forças armadas; b) moral – de quem impõe sua vontade sobre outras pessoas por sua capacidade de convencimento; c) econômico – de quem tem o controle de certos bens e impõe sua vontade sobre quem necessita deles.⁵

Se desmembramos essas três instâncias em espaços derivados menores, vamos encontrar a violência doméstica, a violência cultural, a violência de gênero, a violência sexual, a violência na Igreja, a violência nas congregações religiosas. Assim, quando nossos olhos ficam livres da imposição do conceito brutal e muitas vezes sensacionalista de violência que a mídia nos impõe, começamos a perceber outros rostos mais sutis e velados de violência, inclusive dentro de nossas comunidades eclesiais e religiosas.⁶

Para não permitir que este artigo seja mais um assunto teórico ou para as(os) outras(os), proponho que nos perguntemos: “Quando sofri violência e como me senti?”. “Quando violentei alguém e como a pessoa se sentiu? E eu, como me senti?”. É a partir de perguntas existenciais bem concretas que vamos nos envolvendo e assumindo uma postura de resistência diante da violência e comprometimento com a cultura da paz, que é fruto da justiça, como nos convida a CF/2009.

A Bíblia está permeada de histórias violentas, de guerras, chegando mesmo a criar no imaginário humano a imagem de um Deus violento, vingativo. Por outro lado, a mesma Bíblia relata histórias que rompem com a violência institucionalizada e revelam um outro Deus possível. Seu poder

4. CNBB, *Os discursos sobre a violência*, pp. 47-58.

5. *Ibid.*, pp. 8-9. Citando: GODELIER, M. *Horizon, trajes marxistes en anthropologie*. Paris: Maspero, 1977. p. 21. Prefácio a la segunda edición.

6. Sobre os vários rostos da violência há uma vasta bibliografia publicada. Recomendo reflexões muito ousadas e esclarecedoras sobre o tema como: MACCISE, Camilo. *La violencia en la Iglesia. Testimonio 200*, Santiago: Alfabeta Artes Gráficas, nov./dec. 2003.

consiste em partilhar a essência de seu próprio ser Deus no Amor.⁷

Violência pode gerar resistência e solidariedade

Em meio a um contexto de violência, vingança, morte, encontramos uma história bíblica pouco lembrada, ou até desconhecida. É a brevíssima história de Resfa [Rispa], filha de Aia. Mais que uma história, sua presença e seu gesto são decisivos para fazer a diferença e reverter um relato de violência sangrenta numa história de resistência solidária. A presença de Resfa (2Sm 3,7; 21,8-11) transforma uma história de guerra e de morte em “história sagrada”.

Resfa, em hebraico: *Rispa*, significa “pedra brilhante”.⁸ É concubina do rei Saul, mãe de Armoni e Mefibosete. Estes dois filhos e mais cinco netos de Saul, filhos de Merab, filha de Saul, foram entregues por Davi aos gabaonitas como expiação pelo massacre executado pelo rei Saul. Os gabaonitas crucificaram os sete israelitas, deixando seus corpos expostos desde o princípio da ceifa da cevada na primavera, por todo o ardente estio, até a queda das chuvas periódicas em outubro.

Deixemos que essa mulher, num contexto de violência, de guerras e de cultura da morte, abra nossos olhos e nos fale, hoje, através de sua coragem profética e presença solidária: de protesto e resistência, de perseverança e esperança, de amor e paixão pela vida.

Certamente, conhecemos muitas histórias de violência e de resistência que precisam ser lembradas e recontadas para reavivar a esperança na vida para além da morte e interromper o silêncio. Resfa, como tantas mulheres da realidade de ontem e hoje, é uma mulher-símbolo. Sua história foi registrada, ligeiramente, na Bíblia. Sua atitude de resistência solidária perseverante carrega em si o grande mistério da paixão pela vida que podemos chamar de mística.⁹

7. Cf. WEILER, Lucia. Bíblia y violencia. *Testimonio* 200 (nov./dic. 2003) 15 - 29.

8. DOUGLAS, J. D. Rispa. In: *Novo dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: Hagnos, 2005. p. 1060.

9. Aqui lembro um dos livros de Dorothee Sölle: *Mystik und Widerstand; "Du stilles Geschrei"*. 6. Aufl. München: Piper Verlag GmbH, 2003.

A história de Resfa acontece ao tempo da monarquia em Israel. Sabemos que a monarquia, que segue o tempo dos juízes, é um regime totalitário, onde reina a lógica da violência e da vingança, comprometendo os sentimentos religiosos do povo e adulterando a imagem do próprio Deus.

O tempo da monarquia respira forte ambição de poder. A violência e a vingança são consequência dessa ambição de poder. Assim, lendo os primeiros capítulos de 2Sm, percebemos que a acusação que Isbaal fez contra Abner e a consequente batalha sangrenta (cf. 2Sm 2,12-4,12) ocultava a insinuação de que Abner estava planejando uma estratégia sutil para apoderar-se do trono.

Sobre o contexto específico, no qual surgiu 2Sm 21,1-14, sabemos que, nos dias do rei Davi, houve três anos de fome em Israel. Os gabaonitas tinham uma pendência com o povo israelita, por causa de um massacre executado pelo rei Saul, antecessor de Davi. Davi consultou Deus sobre o porquê daquela fome. E Deus falou: "Há sangue sobre Saul e sobre sua casa porque matou os gabaonitas" (2Sm 21,1). Davi, tentando consertar o passado, consultou os gabaonitas e não mais a Deus sobre o que fazer em sinal de reparação.

Os gabaonitas eram homens de muita astúcia e já tinham enganado Israel em outra oportunidade (cf. Js 9,3-27). Em resposta à consulta de Davi, mais uma vez mostraram seu espírito de vingança e exigiram: "'Dos filhos daquele homem (Saul) que nos oprimiu e quis destruir-nos até que não restasse mais nenhum de nós em cada canto de Israel, entrega-nos sete homens, e os enforcaremos¹⁰ [sacrificaremos, esquartejaremos ou enforcaremos] diante do Senhor em Gabaon, no monte do Senhor'. 'Disse o rei: Eu os entregarei'" (2Sm 21,6).

Foram mortos, no monte diante do Senhor, os sete homens, dois filhos de Resfa e Saul e cinco netos, filhos de Merab. Seus corpos ficaram expostos, à mercê das aves do céu, dos corvos e das feras do campo.

Neste momento do relato entra em cena Resfa, ocupando o centro do cenário. Não se tem nenhuma notícia de Me-

10. O sentido deste verbo é incerto. Literalmente, em grego, significa "expor ao sol", traduzido muitas vezes por enforcar. Trata-se sempre de um castigo exemplar para afastar a cólera de Deus (cf. Nm 25,4). Águila: "empalar". Latim: "crucificar". Sir: "Sacrificar". Parece que implica o deslocamento de membros dos supliciados, pois o mesmo verbo se encontra em Gn 32,26 com o sentido do deslocamento da articulação da coxa de Jacó. (cf. Nota da TEB).

rab, a mãe dos cinco filhos sacrificados e expostos com os filhos de Resfa, que se torna símbolo de resistência solidária e protesto profético contra toda morte violenta.

“Resfa, filha de Aia, tomou um pano de saco e estendeu-o para si sobre uma rocha, desde o início da colheita até que caísse água do céu sobre os cadáveres, e não permitiu que as aves do céu se aproximassem deles durante o dia, nem os animais selvagens durante a noite” (2Sm 21,10).

Resfa, certamente tomada de profunda dor, não ousou falar uma palavra sequer. Armou uma tenda com sacos de estopa. Ficou aí vigilante e alerta, desde o princípio da ceifa da cevada, na primavera, por todo o ardente estio, até a queda das chuvas periódicas, em outubro. O texto diz que Resfa, durante todo esse tempo, conservou-se sentada sobre uma rocha, perto do lugar onde estavam expostos os sete israelitas, não permitindo que, de dia, as aves do céu, e, de noite, as feras selvagens devorassem seus corpos (2Sm 21.1-11). Por aproximadamente seis meses ela vigiou e protegeu os sete corpos. Certamente, não ficou sozinha neste protesto. Mais pessoas, mulheres e outros terão se unido a ela em solidariedade. O protesto individual tornou-se coletivo, adquirindo, assim, uma força de irradiação política e profética.

A atitude de Resfa chegou aos ouvidos de Davi, que se arrendeu de seu ato. Ordenou que transportassem e enterrassem aqueles restos de corpos humanos e que trouxessem Resfa à sua presença.

“Os ossos de Saul e de Jônatas seu filho foram sepultados na terra de Benjamim, em Sela, no túmulo de Cis, seu pai. Fizeram tudo o que o rei ordenara, e depois disto Deus voltou a ser propício ao país” (2Sm 21,14).

E voltou a chover na terra de Israel. A chuva, com toda a sua força simbólica religiosa, é, para o povo de Israel, manifestação da graça de Deus.

Resfa e seu grupo resistem contra a morte violenta; resistem à morte estúpida sem sentido; resistem contra uma falsa imagem de Deus que estava profundamente arraigada

na tradição religiosa do povo de Israel: “Deus necessita do sacrifício humano para voltar a ser misericordioso com seu povo”. A história de Caim e Abel, a história do sacrifício de Isaac foram uma tentativa de quebrar esta imagem sacrificial de Deus. Por que Davi reproduz a mesma atitude sacrificial? Por que hoje ainda reproduzimos tantos sacrifícios humanos como vítimas expiatórias?

A religião pode corromper o bom senso humano. Basta lembrarmos os vários atentados de terror, as guerras santas desencadeadas em nome de tantos falsos deuses. 11 de setembro de 2001 ficou registrado na memória histórica como um divisor de águas da violência. O que se desencadeou após 11 de setembro, porém, é muito pior e revela, em grau extremo, até que ponto chega a ânsia do poder de dominação. Utiliza-se para isso qualquer meio de corrupção, inclusive a religião e o nome de Deus.

Olhando para Resfa, vemos que nada podia fazer para impedir a morte de seus filhos e dos demais cinco israelitas, marcados para morrer. Porém ela não concorda com tal forma violenta e cruel de proceder com vidas humanas. Menos ainda se conforma com os motivos religiosos e políticos alegados para justificar tal vingança e violência.

Percebe-se que Resfa, cuja reação só é mencionada e não contada em detalhes, é alimentada por verdadeira paixão pela vida. Sua fonte de resistência certamente é o Deus da Vida e não a falsa imagem religiosa de um deus da vingança e da satisfação vicária que era imposta pelo poder político e religioso. Isso se nota pela sua atitude perseverante de permanecer dia e noite junto aos sete corpos humanos.

Nosso Deus não quer nem necessita de sacrifícios humanos. Ele não é um Deus maluco. Deus antes sofre e é solidário com todo sofrimento provocado pela violência. Deus sofre com o desrespeito à dignidade humana, por isso assumiu o caminho da cruz e da morte de cruz. Aí ele próprio é atingido pela violência. Mas o Amor continua sendo a última palavra. O anúncio da Ressurreição é um grito de alegre protesto contra a morte violenta.

Aí está Resfa e o grupo de mulheres solidárias com ela, muito antes da manhã da Ressurreição. Ela vai para a montanha velar os sete corpos mortos. Tem consciência de que tal matança e tal sacrifício expiatório não são vontade de Deus. Com um sentimento de indignação contra a imagem de um Deus que quer ver sangue para ser benigno com seu povo. Resfa não tem uma imagem de Deus. Ela é a imagem de Deus, com sua presença silenciosa, solidária, profética. Ela não grita, não pega nenhuma vara para bater e espantar quem se aproxima. Simplesmente toma um saco de estopa que servia para a colheita e senta sobre ele. Sobre uma rocha dura e fria. Protesto silencioso e bloqueio simbólico contra a injustiça. Protesto silencioso e bloqueio simbólico contra a manipulação religiosa, contra a morte indigna de inocentes. Uma mulher que não quer enrijecer seu sentimento de dor e de luto com ódio e vingança.

A história de Resfa provoca e desafia nossa espiritualidade da confiança que passa pela perseverança, pelo protesto contra toda injustiça e pelo caminho da resistência. Da presença vigilante, silenciosa e perseverante diante daqueles corpos humanos violentados, violados em seus direitos de vida e expostos, cresce sua coragem de mulher que acredita na vida. Seu protesto individual torna-se coletivo e se faz uma provocação política, pois sensibiliza o próprio rei Davi. Finalmente, ele manda recolher os ossos e sepultá-los. A história de Resfa nos convida a fortalecer a perseverança da nossa fé. A viver a confiança no Deus amigo e bondoso que acolhe e não castiga, nem exige sacrifícios expiatórios ou vicários da pessoa humana.

Haverá um sinal mais forte e expressivo para testemunhar o senso de dignidade do corpo humano? Corpos sagrados, corpos mutilados, corpos em decomposição, corpos de filhos, simplesmente corpos humanos, habitação de Deus que quer vida e vida em abundância.

Jesus rompe com a lógica da violência e anuncia o Evangelho da não violência.

O grande, e por que não?, único objetivo de Jesus foi o de dar vida abundante (cf. Jo 10,10). Toda a sua vida e missão

foi um caminho de libertação. Libertação das amarras e das armadilhas do poder, dos autoritarismos que geram os vários rostos da violência. Por isso anuncia o “Evangelho da não violência”.

Intencionalmente, Paulo descreve a opção de Deus, que, em meio a um tempo de violência estrutural, nasce no meio dos pobres, de uma mulher e submetido à lei: “Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que eram sujeitos à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos” (Gl 4,4-5).

Crescendo no meio da realidade conflitante e violenta de exploração econômica, de convulsões sociais, de desintegração crescente das instituições, de explosões messiânicas, Jesus, unido ao Pai, torna-se discípulo companheiro do povo pobre que espera a libertação. Aprende dos fatos, da realidade, e a partir deles lê os sinais dos tempos anunciando a chegada da hora de Deus para o povo: “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova” (Mc 1,15).

Marcos apresenta Jesus como um homem que não foge dos conflitos mas os enfrenta com autoridade.¹¹ No tempo de Jesus, uma das formas de violência era a exercida pelas lideranças religiosas. Os chefes dos sacerdotes e os anciãos queriam saber com que autoridade Jesus fazia as coisas (Mt 21,23). Eles se consideravam os donos da verdade e achavam que ninguém podia ensinar nada diferente sem a licença deles. Chegaram a enviar representantes para a Galileia a fim de fiscalizar as atividades de Jesus (Mc 3,22). O controle rígido e autoritário é uma forma de violência moral que não ajuda a mudar as convicções das pessoas.

O povo percebia a diferença, “pois ele os ensinava como quem tem autoridade, não como os escribas” (Mc 1,22). O primeiro impacto que a Boa-Nova de Jesus causou no povo foi este: “Um ensinamento novo, e com autoridade...” (Mc 1,27). Parece até uma ironia! Os escribas, quando ensinavam, repetiam as sentenças de doutores e teólogos, mas para

11. BRAVO, C. *Jesus, homem em conflito*; o relato de Marcos na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1997.

o povo eles não tinham autoridade. Jesus falava de Deus a partir da experiência de vida das pessoas.

Jesus parece ser um homem violento. Expulsou os vendedores do templo e os donos do poder querem saber com que autoridade faz essas coisas (Mc 11,27-28). Eles não perguntam pela verdade nem pelo motivo que levou Jesus a expulsar os vendedores. Jesus não se nega a responder, mas mostra sua independência e sua liberdade e resistência a toda forma de manipulação de Deus e dos lugares considerados sagrados pelo povo.

Na orientação e formação dos discípulos e das discípulas Jesus tem um cuidado especial em prepará-los para enfrentar a armadilha do poder, que gera os diversos rostos da violência:

Diante da tentação do poder, Jesus apresenta aos discípulos uma criança e, junto com ela, uma proposta: converter-se e tornar-se como criança. A imagem da criança lembra fraqueza, confiança absoluta no pai/mãe, humildade, pobreza, carência. A criança é o oposto da força! Jesus propõe algo difícil: diante da força deste mundo, a comunidade deve reagir e ser como uma criança.¹²

Diante da violência contra as mulheres consideradas prostitutas e adúlteras pela lei dos homens, Jesus usa uma pedagogia da ternura e da consciência crítica (cf. Jo 8,1-11; Lc 7,36-50). A prática de Jesus revela essa face de ternura, de compaixão e de amor misericordioso de Deus para com os excluídos e marginalizados. Só é possível encontrar assim livremente a pessoa humana se nos encontramos profundamente com Deus, a fonte da vida e do amor.

Numa breve síntese apresentada por Carlos Mesters, havia, no tempo de Jesus, vários rostos da violência: 1. gente explorada por um sistema injusto; 2. desemprego crescente; 3. empobrecimento e endividamento crescentes; 4. poderosos ricos que não se importavam com a pobreza dos irmãos e irmãs; 5. tensões e conflitos sociais; 6. repressão violenta e sangrenta que matava sem piedade; 7. classes altas comprometidas com os romanos na exploração do povo; 8. grupos

12. *Tua palavra é vida*. v. 5, pp. 156-157.

de oposição aos romanos que se identificavam mais com as aspirações do povo; 9. a religião oficial ambígua e opressora; 10. a piedade confusa e resistente dos pobres.

A prática libertadora de Jesus no Evangelho de Marcos pode ser considerada o “Evangelho da não violência”.

Conforme o Evangelho de Marcos, a Boa-Notícia do Reino anunciada por Jesus tem como primeiro efeito congregar as pessoas em torno de Jesus e entre si, isto é, formar comunidade (Mc 1,16-20); o segundo efeito é fazer surgir consciência crítica no povo oprimido frente a *violência de todos os tipos* de seus líderes (Mc 1,21-22); o terceiro efeito é combater o poder do mal, expulsá-lo e assim libertar a pessoa humana (Mc 1,23-28); o quarto efeito é restaurar e salvar a vida para o serviço (Mc 1,29-34); o quinto efeito é permanecer unido à raiz, que é o Pai, através da oração (Mc 1,35); o sexto efeito é manter a consciência da missão e não se fechar nos resultados obtidos (Mc 1,36-39); o sétimo resultado é libertar e reintegrar os marginalizados (Mc 1,40-45).¹³

13. MESTERS, C. *A prática libertadora de Jesus*. São Leopoldo: CEBI (apostila).

14. Não tratamos aqui especificamente dos “ditos de não violência” atribuídos a Jesus em oposição aos ditos de vingança e violência justificada como era a lei de talião: “Olho por olho, dente por dente”. Esses ditos geralmente são introduzidos pelo refrão: “Eu, porém, vos digo”. Deixamos esse exercício de leitura como recomendação às(aos) leitoras(res).

Jesus não é passivo, mas muito ativo e decidido em seu caminho libertador de não violência: coloca-se sempre do lado dos excluídos e marginalizados do sistema; nega e combate as discriminações, preconceitos e desigualdades de raça, gênero e classes; desmascara as manipulações e falsidades dos detentores do poder... Enfim, tudo isso o leva para um caminho de libertação que passa pela cruz. Contraditoriamente, aquele que anuncia o Evangelho da não violência acaba morrendo com a morte mais violenta: morte de cruz. Essa morte deve ser compreendida como consequência de seu compromisso com a vida e como deslegitimação de qualquer tipo de violência.

No Evangelho de Mateus, Jesus anuncia o “Evangelho da não violência” através do Sermão da Montanha (Mt 5,7-9), narrado por Lucas como Pregação na Planície (Lc 6,17-49). A esse Evangelho pertencem atitudes muito concretas de convivência fraterna, de perdão ilimitado, de amor gratuito incondicional.¹⁴

Através da prática de Jesus, o Reinado de Deus irrompe como Boa-Notícia para os pobres e excluídos. Através da Encarnação, Vida, Missão, Paixão e Morte de Jesus, o Reinado de Deus inaugura uma nova lógica de relações de misericórdia, amor, perdão, reconciliação e paz. Ele confirma a contradição da derrota dos aparentemente vencedores e da vitória dos aparentemente vencidos. Deus não é violento nem castigador, mas próximo, pai e mãe com entranhas de ternura e misericórdia. Essa síntese está muito clara e explícita no *Magnificat* de Ana e no de Maria no encontro com Isabel (cf. 1Sm 1,1-10 e Lc 1,46-55).

Nosso Deus não quer nem necessita de sacrifícios humanos. Ele não é um Deus vingativo. Deus antes sofre e é solidário com todo sofrimento provocado pela violência. Deus sofre com o desrespeito à dignidade humana, por isso assumiu o caminho da cruz e da morte de cruz. Aí ele próprio é atingido pela violência. Mas o Amor continua sendo a última palavra. O anúncio da Ressurreição é um grito de alegre protesto contra a morte violenta.

Mulheres solidárias caminham com Jesus até a cruz e testemunham a Ressurreição

Seguindo o itinerário de Jesus, é notável a presença de mulheres como vítimas da violência e, ao mesmo tempo, como protagonistas da solidariedade e de consenso contra a violência.¹⁵ Esta postura solidária das mulheres com as vítimas inocentes, como já vimos no caso de Resfa e tantas outras no Antigo Testamento, encontra seu apogeu no caminho da Paixão e Morte violenta de Jesus na cruz. Em seu gesto de oferecer-se como vítima, Jesus se torna dom, entrega livre no amor, assumindo o lado das vítimas da humanidade. No evento da cruz e da vida que nasce a partir dela na Ressurreição surge como Boa-Notícia da reconciliação e Evangelho da não violência, como compromisso e ministério de todos os seguidores e seguidoras de Jesus. Uma chamada ao exercício ativo da não violência através do “mi-

15. Lembramos a declaração final da Assembleia da União Internacional de Superiores Gerais (UISG) contra a violência sofrida por mulheres, convocando-nos mesmo a fazer o voto de compromisso com essa causa e de combate a todas as formas de violência contra mulheres.

nistério da reconciliação” e a voltarmos para o verdadeiro sentido da “justiça de Deus” (cf. 2Cor 5,11-21; Rm 5,1-11).

Os Evangelhos relatam a presença ativa de mulheres junto às vítimas da violência, desde a unção de Jesus para sua sepultura (cf. Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Jo 12,1-8). Seu gesto é considerado pelo evangelista Marcos como memória subversiva e Boa-Notícia: “ Em verdade vos digo: onde for anunciado o Evangelho, no mundo inteiro, será mencionado também, em sua memória, o que ela fez” (Mc 14,9).

As mulheres acompanham Jesus durante sua vida e missão. De fato, havia um grupo de mulheres que *seguiam* Jesus, desde a Galileia até Jerusalém. O Evangelho de Marcos define a atitude delas com três palavras: *seguir, servir, subir* até Jerusalém (cf. Mc 15,41). Além dos sinóticos, também João evidencia a presença de mulheres junto à vítima inocente em seu caminho até a cruz: “Junto à cruz de Jesus, estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena” (cf. Jo 19,25-26). Segundo Mateus: “Grande número de mulheres estava ali, observando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galileia, prestando-lhe serviços. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu” (Mt 27,55-56).

As mulheres que permanecem próximas da cruz são também as que mais tarde se dirigem ao sepulcro para embalsamar o corpo de Jesus e por isso são também protagonistas do anúncio da Boa-Notícia da Ressurreição. Embora não haja unanimidade no nome das mulheres mencionadas, nota-se um destaque particular para Maria Madalena. Na bela narrativa de Jo 20,1-18, ela se torna acusadora do túmulo vazio e anunciadora da Boa-Notícia da Ressurreição. Uma cena cheia de ternura e paixão, de liberdade e amor, que contrasta com a obscuridade da violência e do medo.

Podemos perguntar-nos: que sentido tem essa resistência ativa, não-violenta, essa fidelidade que se torna visível pela presença junto às vítimas da violência, arriscando mesmo a própria vida? Reconhecemos nessas mulheres uma experiência comum a muitas mulheres ao longo da história. Essa

resistência diante da violência, essa presença corajosa junto à vítima da violência proclama uma forte mensagem:

Não, isso não é a verdade nem a última palavra! Não, isso não pode ser o fim de uma trajetória assim vivida! Não, isso não é justo e menos ainda necessário! Não, apesar de tudo existe algo mais, há alguém que nos diz: “Não é o que Deus quer”. Não, a morte do justo não pode ter a última palavra! Não à violência e sim à vida!¹⁶

Deste protesto nasce positivamente o *sim à vida* como grito de Ressurreição!

Muito mais que uma convicção refletida e explicável, muito mais que um raciocínio, trata-se de uma profunda experiência. Segundo os quatro Evangelhos, são precisamente essas mulheres as primeiras testemunhas da Ressurreição, da vida que nasce da morte.

Também hoje conhecemos histórias de mulheres que nos fazem pensar em Maria Madalena e nas outras Marias/mulheres mencionadas na Bíblia. Mulheres que permanecem de pé junto à cruz, que assumem uma presença solidária com as vítimas da violência de tantos rostos. Com uma postura de resistência profética, caminham juntas até as sepulturas, denunciando corajosamente a morte das vítimas inocentes e anunciando vigorosamente a Boa-Nova da Ressurreição.

Desafios e perspectivas práticas para nosso seguimento de Jesus

Como projeto de seguimento de Jesus, sem sombra de dúvida, a Vida Religiosa Consagrada, hoje, é chamada a continuar sendo presença solidária de esperança pelo ministério de reconciliação e pelo consenso contra a violência e a favor da vida em abundância do Reinado de Deus. Tal ministério não pode ser exercido apenas individualmente, mas em solidariedade com tantas pessoas com quem abraçamos a mesma causa.

16. Cf. WEILER, Biblia y violencia, pp. 26-27.

Imaginemos a força da resistência solidária e a proposta profética de vida em plenitude que podemos anunciar através de um consenso uníssono contra a violência em nosso continente marcado por tantos rostos de violência que clamam ao Deus da vida!¹⁷

José Maria Guerrero reflete conosco sobre a necessidade de uma refundação como expressão de fidelidade criativa. Contemplando as diversas formas de violência que nos cercam, ele vislumbra uma nova missão para a Vida Religiosa, a qual se manifesta num convite profético à justiça e à reconciliação:

Diante de um mundo pervertido e agressivo, cada vez mais fragmentado... não seriam os religiosos e as religiosas o *aguijón* orientador para um futuro mais solidário e fraterno, justamente por ser homens e mulheres de reconciliação, criadores de solidariedade, provocadores de esperança? Uma Vida Religiosa fraterna, vivida na radicalidade, é uma crítica à sociedade agressiva, individualista e ambiciosa que marginaliza as grandes massas e um convite profético à justiça e reconciliação. Somos chamados a ser “peritos de comunhão”, uma memória provocativa de fraternidade.¹⁸

Como a violência se dá mais no cotidiano do que nos fatos sensacionalistas, também nossa postura de não violência precisa visibilizar-se com atitudes concretas, capazes de transformar nossa vivência cotidiana. Destacamos principalmente a prática do perdão e da reconciliação como condição para a vivência da paz e do amor. O Evangelho da não violência não está escrito, mas nossas atitudes podem revelá-lo.

17. Cf. *Pnebla*, nn. 27-50.

18. GUERRERO, José Maria. *Vinho novo em odres novos*. 2. ed. Rio de Janeiro: CRB, 2001. p. 46.

Concluindo

O tema é mais amplo e complexo do que as considerações e reflexões apresentadas. Oxalá nos ajudem a aumentar nosso compromisso e nossas atitudes concretas contra todo tipo

CONVERGÊNCIA – Ano XLIV – Nº 421 – maio 2009

um dia se tornará lei. O todo e o concreto poderão repousar juntos, cada pessoa poderá sentar-se debaixo de sua figueira, em sua vinha, e ninguém mais terá razão para ter medo.

Creio firmemente que venceremos.

Nesta luta contra a violência temos de sonhar juntos em mutirão, como diz nosso amigo Dom Helder Câmara: “Quando alguém sonha sozinho, pode ser apenas um sonho. Quando sonhamos juntas e juntos, é o início de uma nova realidade”. Assim, podemos proclamar o “Evangelho da não violência”.

Hoje, na noite do mundo e na esperança da Boa-Nova, afirmo com audácia minha fé no futuro da humanidade.

Nego-me a crer que o ser humano está a tal ponto prisioneiro da noite sem estrelas, do racismo e da guerra, que a aurora radiante da paz, da fraternidade nunca poderia tornar-se realidade.

Eu creio que a verdade e o amor incondicional terão efetivamente a última palavra. A vida, mesmo que aparentemente derrotada, permanece sempre mais forte que a morte.

Atrevo-me a crer que um dia todos os habitantes da terra poderão receber três vezes comida por dia para a vida do corpo; a educação e a cultura para a saúde do espírito e a liberdade para a vida do coração.

Creio igualmente que um dia toda humanidade reconhecerá em Deus a fonte de seu amor. Creio que a bondade salvadora

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais os rostos de violência mais comuns que identificamos em nossa realidade local?
2. Conhecemos alguma história de resistência e solidariedade às situações de violência?
3. Quais os tipos de violência que Jesus enfrentou e denunciou em sua trajetória missionária?
4. Há alguma narrativa de violência nos Evangelhos que nos toca em particular? A que situações de hoje podemos comparar?
5. Como nossa comunidade reage diante das violências sofridas pelo povo?



CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.